



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

LAÍS DE JESUS VASCO

**EDUCAÇÃO X ALIENAÇÃO: COMO O CINEMA DESALIENA E REEDUCA, A
PARTIR DO FILME *A ONDA* (2008).**

ITABAIANA/SE

2022

LAÍS DE JESUS VASCO

EDUCAÇÃO X ALIENAÇÃO: COMO O CINEMA DESALIANA E REEDUCA, A PARTIR DO FILME *A ONDA* (2008).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, sob orientação do Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva como requisito final à obtenção do título de Graduação em Letras-Língua Portuguesa.

ITABAIANA/SE

2022

LAIS DE JESUS VASCO

EDUCAÇÃO X ALIENAÇÃO: COMO O CINEMA DESALIENA E REEDUCA, A PARTIR DO FILME *A ONDA* (2008).

Aprovado em:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, sob orientação do Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva como requisito final à obtenção do título de Graduação em Letras-Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Orientador

Prof^a. Dr^a. Adriana Sacramento de Oliveira (membro)

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Durante esses cinco anos de graduação pude me transformar de forma ética e moral, conviver com pessoas de diversas regiões que tinham uma forma de pensar diferente da minha, me fez entender o quão mágico o mundo é. Não foram tempos fáceis, foi necessário me readaptar diversas vezes, as vontades de parar por ali mesmo eram frequentes, que sorte a minha ter pessoas incríveis em minha vida e que não me deixaram desistir em nenhum momento.

Agradeço a Deus e as forças do universo, por ter me dado discernimento, coragem e forças para não desistir na busca das realizações dos meus sonhos.

Agradeço aos meus pais, Claudeci e Nelcivan, por sempre fazerem o possível e o impossível para que eu continuasse nessa jornada, além de todo incentivo desde que me entendo por gente; a minha irmã, Lorani, que sonhou junto comigo a realização desse sonho; ao meu noivo, Thauã, que sempre me incentivou ir além do que sempre imaginei.

À Jean Paul, que além de um professor e um orientador magnífico, é um exemplo de ser humano, que não nos abandonou nos piores momento (pandemia), muito pelo contrário, além de estar travando suas batalhas, sempre se mostrou preocupado com o bem estar daqueles que estavam à sua volta. Ao meu fiel e escudeiro irmão que a UFS me presenteou, Rivan Gama, como sou extremamente grata por sua amizade e companheirismo, sem você teria chegado até aqui, como costume dizer, foi necessário que o mundo das Letras existisse para que o Vasco encontrasse sua Gama.

Aos meus queridos amigos da universidade, Valéria (minha comadre de fogueira), que esteve comigo nos meus piores e melhores momentos; Yasmin, que sempre foi o meu racional nas decisões; Jeverton, André e Marcos, agradeço imensamente por tanta consideração durante essa caminhada. Os momentos que vocês me proporcionaram ficarão eternizados em meu coração.

Agradeço aos meus incríveis professores do E.F. e E.M., por todo desempenho em busca de formar cidadãos de bem. Em especial a minha sempre professora Maria Isabel, por despertar em meus anseios a vontade de fazer diferente, compreender que tudo isso se trata de algo que vai além da sala de aula, e por cima de tudo, acreditar que a educação sempre será a melhor solução.

As minhas amigas/irmãs, comadre Thayslaine, minha afilhada Mary, Beatriz, Eduarda, Naiza e Gaby, agradeço por simplesmente tudo, desde o “eu sei que você vai conseguir” até o “vamos comemorar dia 26 a apresentação do seu TCC”, me ensinaram que em pleno século 21 as amizades verdadeiras são sim possíveis, me consolam em momentos difíceis e vibram cada conquista. Minhas luzinhas, o universo nos fez amigas para que pudéssemos sorrir e viver intensamente cada momento juntas.

Aos meus incríveis XOXO’S, Naiara, Renildo, Gabriel, Rose, Tchah e Andreza, a palavra obrigada parece supérflua perto do meu sentimento de gratidão. Estiveram comigo nos meus piores momentos, acreditaram em mim quando nem eu acreditei, com certeza o PRÉ-SEED foi fundamental para a consolidação da nossa amizade, estar com vocês é sempre uma festa sem espaço para tristeza ou incertezas.

A minha incrível amiga Deise, mulher por onde tu andou esse tempo todo que não viramos amigas antes? Eu sou extremamente grata por todas as suas palavras de apoio, conforto e amizade, sempre me mostrou o quão longe eu posso ir, que só preciso acreditar no meu potencial. A Jeane, Grasi e Dany, pelo enorme carinho, motivação e companheirismo.

Agradeço as incríveis pessoas que pude conviver diariamente no Colégio Estadual Emeliano Ribeiro durante os anos de 2020 a 2022, obrigada por sempre acreditarem no meu potencial e por toda a força, alegria, sorrisos com que me recebiam, vocês foram minha terapias em dias difíceis (a pandemia).

A professora Mayara (minha supervisora do pibid) e aos espetaculares alunos do Colégio Estadual Djenal Tavares de Queiroz, em especial ao aluno Allan Victor, que nos deixou precocemente, por todo acolhimento, ensinamentos, carinho e respeito proferidos a mim, durante um ano e meio de PIBID, a saudade de vocês é constante.

Por fim, agradeço àqueles que sempre acreditaram no potencial, como também àqueles que desacreditaram, absorvi as energias boas e as transformei em força para lutar todos os dias.

RESUMO

O presente trabalho concentra-se em analisar a importância do estudo sobre distopia e educação presentes no enredo do filme *A onda* (2008), versão adaptada pelo diretor de cinema Dennis Gansel, e entender seus desdobramentos diante de quais condutas, comportamentos, e ideologias, levam a formação de grupos e movimentos de poderes ilimitados absolutos.

A pesquisa torna-se pertinente, pois além de ajudar a compreender a importância de obras cinematográficas no ensino, é um reforço para conhecer e entender sobre o tema em questão, agindo como contribuição às diversas formas de como o cinema pode ser utilizado para a educação sem perder seus traços estéticos.

Visto que, é possível encontrar obras fílmicas que expõe o aluno a uma infinidade de possíveis temas sociais com teor analítico suficiente para agir de forma auxiliar em sua construção de caráter, sendo ainda possível que o material consumido pela ótica do cinema faça com que esse aluno se reconheça na tela e se identifique com alguns discursos abordados. Para fins de reflexões, dentre os teóricos e estudiosos utilizados como aporte teórico, apresenta-se: Michael Foucault, Paulo Freire, Hannah Arendt, Gabriel Chalita e Marcos Napolitano.

Palavras-chave: Educação; Ideologias; Obras fílmicas.

RESUMEN

El presente trabajo se centra en analizar la importancia del estudio de la distopía y la educación presente en la trama de la película La Ola (2008), versión adaptada por el director de cine Dennis Gansel, y comprender su desarrollo frente a qué conductas, comportamientos e ideologías, conducen a la formación de grupos y movimientos de poderes ilimitados absolutos

La investigación se vuelve pertinente porque, además de ayudar a comprender la importancia de las obras cinematográficas en la educación, es un refuerzo para conocer y comprender sobre el tema en cuestión, actuando como una contribución a las diversas formas en que el cine puede ser utilizado para la educación sin perder sus características estéticas.

Dado que es posible encontrar obras cinematográficas que exponen al alumno a una infinidad de posibles temas sociales con suficiente contenido analítico como para actuar de forma auxiliar en la construcción de su personaje, también es posible que el material consumido a través de la mirada del cine haga que este alumno se reconozca en la pantalla y se identifique con algunos de los discursos abordados. Para fines de reflexión, entre los teóricos y estudiosos utilizados como soporte teórico, presentamos: Michael Foucault, Paulo Freire, Hannah Arendt, Gabriel Chalita y Marcos Napolitano.

Palabras claves: Educación; Ideologías; Obras filmicas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – ALUNOS REALIZANDO A SAUDAÇÃO DO GRUPO <i>A ONDA</i> JUNTO A SEU LÍDER.....	18
FIGURA 2 – Plano 1.....	38
FIGURA 3 – Plano 2.....	38
FIGURA 4 – Plano 3.....	38
FIGURA 5 – Plano 4.....	39
FIGURA 6 – Plano 5.....	39
FIGURA 7 – Plano 6.....	39
FIGURA 8 – Plano 7.....	39
FIGURA 9 – Plano 8.....	40
FIGURA 10 – Plano 9.....	40
FIGURA 11 – Plano 10.....	40
FIGURA 12 – Plano 11.....	40
FIGURA 13 – Plano 12.....	41
FIGURA 14 – Plano 13.....	42
FIGURA 15 – Plano 14.....	42
FIGURA 16 – Plano 15.....	42
FIGURA 17 – Plano 16.....	42
FIGURA 18 – Plano 17.....	42
FIGURA 19 – Plano 18.....	42
FIGURA 20 – Plano 19.....	44
FIGURA 21 – Plano 20.....	44
FIGURA 22 – Plano 21.....	44
FIGURA 23 – Plano 22.....	44
FIGURA 24 – Plano 23.....	44
FIGURA 25 – Plano 24.....	44
FIGURA 26 – Plano 25.....	45
FIGURA 27 – Plano 26.....	46
FIGURA 28 – Plano 27.....	46

FIGURA 29 – Plano 28.....	46
FIGURA 30 – Plano 29.....	47
FIGURA 31 – Plano 30.....	49
FIGURA 32 – Plano 31.....	49
FIGURA 33 – Plano 32.....	50
FIGURA 34 – Plano 33.....	50
FIGURA 35 – Plano 34.....	51
FIGURA 36 – Plano 35.....	51
FIGURA 37 – Plano 36.....	51
FIGURA 38 – Plano 37.....	51
FIGURA 39 – Plano 38.....	51
FIGURA 40 – Plano 39.....	51
FIGURA 41 – Plano 40.....	52
FIGURA 42 – Plano 41.....	52
FIGURA 43 – Plano 42.....	53
FIGURA 44 – Plano 43.....	54
FIGURA 45 – Plano 44.....	54
FIGURA 46 – Plano 45.....	55
FIGURA 47 – Plano 46.....	55
FIGURA 48 – Plano 47.....	55
FIGURA 49 – Plano 48.....	55
FIGURA 50 – Plano 49.....	55
FIGURA 51 – Plano 50.....	56
FIGURA 52 – Plano 51.....	56
FIGURA 53 – Plano 52.....	56
FIGURA 54 – Plano 53.....	56
FIGURA 55 – Plano 54.....	57
FIGURA 56 – Plano 55.....	57
FIGURA 57 – Plano 56.....	57

FIGURA 58 – Plano 57.....	57
FIGURA 59 – Plano 58.....	58
FIGURA 60 – Plano 59.....	58
FIGURA 61 – Plano 60.....	58
FIGURA 62 – Plano 61.....	58
FIGURA 63 – Plano 62.....	59
FIGURA 64 – Plano 63.....	59
FIGURA 65 – Plano 64.....	59
FIGURA 66 – Plano 65.....	59
FIGURA 67 – Plano 66.....	56
FIGURA 68 – Plano 67.....	56
FIGURA 69 – Plano 68.....	56
FIGURA 70 – Plano 69.....	56
FIGURA 71 – Plano 70.....	61
FIGURA 72 – Plano 71.....	61
FIGURA 73 – Plano 72.....	61
FIGURA 74 – Plano 73.....	62
FIGURA 75 – Plano 74.....	62
FIGURA 76 – Plano 75.....	62
FIGURA 77 – Plano 76.....	62
FIGURA 78 – Plano 77.....	63
FIGURA 79 – Plano 78.....	63
FIGURA 80 – Plano 79.....	63
FIGURA 81 – Plano 80.....	63
FIGURA 82 – Plano 81.....	63
FIGURA 83 – Plano 82.....	63
FIGURA 84 – Plano 83.....	64
FIGURA 85 – Plano 84.....	64
FIGURA 86 – Plano 85.....	65

FIGURA 87 – Plano 86.....	65
FIGURA 88 – Plano 87.....	65
FIGURA 89 – Plano 88.....	65
FIGURA 90 – Plano 89.....	65
FIGURA 91 – Plano 90.....	65
FIGURA 92 – Plano 91.....	65
FIGURA 93 – Plano 92.....	65
FIGURA 94 – Plano 93.....	66
FIGURA 95 – Plano 94.....	66
FIGURA 96 – Plano 95.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. REFERENCIAL TEÓRICO: ideologias sociais.....	18
1.1. IDEOLOGIAS PRESENTES NAS RELAÇÕES HUMANAS QUE LEVAM A ALIENAÇÃO.....	18
1.2 . IDEOLOGIA, PODER E VIOLÊNCIA.....	22
2. CINEMA E EDUCAÇÃO, SUA IMPORTÂNCIA.....	25
2.1. O CINEMA COMO TRANSFORMAÇÃO PEDAGÓGICA.....	25
2.2. EDUCAÇÃO E O FILME <i>A ONDA</i> (2008).....	32
3. ANÁLISE DO FILME <i>A ONDA</i> (2008), DILIGÊNCIAS IDEOLÓGICAS A SEREM ABORDADOS PELA EDUCAÇÃO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
FILMOGRAFIA.....	71

INTRODUÇÃO

Após tantos anos de libertação de um período cruel, destrutivo e alienado, “Seria possível um regime como o nazista emergir hoje, no Brasil ou em qualquer outro país democrático?” (FIBE, 2009), esse foi o questionamento abordado por Cristina Fibe, repórter da revista Folha de São Paulo, sobre sua matéria "Nunca faria isso de novo, coloquei os alunos em perigo" que foi publicada em 15 de agosto de 2009, reportagem que conta a história sob a qual o filme *Die Welle* (2008) ou *A onda* (2008) foi inspirado.

Ao atentar-se ao filme, é possível encontrar alguns motivos que levam ao surgimento de adeptos ao modelo autocrata totalitário presente na instauração do partido Nazista por Hitler, na Alemanha no ano de 1933. Que se deu após o fim da Primeira Guerra Mundial quando a Alemanha encontrava-se devastada e ao assinar o Tratado de Versalhes, e assumir a culpa do estopim da guerra foi obrigada a pagar por todos os prejuízos causados. O povo alemão se mantinha insatisfeito com seus líderes, e esse foi o momento em que o movimento de direita ganhou força no país, Hitler era um dentre tantos filiados que aderira ao grupo, porém, recebendo grande destaque “com seu poder de persuasão, contribui para a mudança do nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Nazi.” (PRADO, 2017. p, 69).

Hitler chega ao poder após a morte do presidente Paul Von Hindenburg no ano de 1934, iniciando por meios ilegais seu regime totalitário, promovendo seu nacionalismo exacerbado, perseguições, assassinatos, golpes de poder, dentre diversas manobras ilegais. Apesar dos grandes conflitos gerados pelas Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o Holocausto promovido por Hitler impactou a humanidade, visto que, mais de “seis milhões de judeus foram mortos nos campos de extermínio, entre os modos de assassinato, temos as famosas câmaras de gás. Além disso, muitos judeus eram deportados, outros eram coagidos a trabalhos forçados e muitos morriam de fome.” (PRADO, 2017. p, 72).

E em 30 de abril de 1945, a Alemanha dava o maior passo para o fim do regime nazista, pois seu chefe Adolf Hitler acabara de se suicidar. A Alemanha se encontrava aos caos, havia incêndios e fumaças em todos os lados, vestígios de ataques de bombas nos prédios e nas ruas, e após a traição de um de seus companheiros de mandato, o ditador Himmler, Hitler viu o suicídio como a melhor solução, pois não serviria de troféu para os

russos. Decide então libertar seus homens do juramento de lealdade em forma de agradecimento, como descreve Mayo e Craigie (2016).

Baseado em fatos reais, o filme *A onda* (2008) ganhou duas versões, a versão norte-americana que foi lançada em 1981 e a versão alemã, lançada em 2008. A história na qual o filme se baseou, se passou no ano de 1967, na cidade de Palo Alto - Califórnia, o jovem professor de história Ron Jones, em uma das disciplinas do Departamento de Estudos Sociais da escola Elwood P. Cubberly Senior High School realizou um experimento no qual demonstraria como seria ter um único líder e seguir todas as regras impostas por ele. O experimento, que durou uma semana, ganhou além de um nome, uma saudação, um slogan, seguidores e as ruas da cidade.

Ademais, ao relacionar os ideais apresentados pelo filme e o governo de Hitler, algumas coexistências são encontradas como a equidade imposta pelo uso de uniformes, impossibilitando a distinção de classes sociais, visando igualdade entre ambos e a participação em um grupo no qual suas vontades eram limitadas e impostas regras, porém, mesmo com a privação de suas vontades, participavam de um grupo, o que os fizeram obter uma representação no discurso, encontrando algo ou alguém que tivesse voz perante a sociedade para falar aquilo que acreditavam como explica Foucault (1997), e como bônus, obtinham o apoio dos outros participantes nas diversas situações impostas pelo dia a dia, protegendo-se dos membros de círculos rivais, comportamentos típicos do totalitarismo.

Então, diante do questionamento sobre as possibilidades ou não do surgimento de um Terceiro Reich, será realizada uma análise sobre educação x alienação e sua importância como ação pedagógica da versão alemã do filme *A onda* (2008). A qual possibilitará compreender quais condutas, comportamentos, e ideologias, levam a formação de grupos e movimentos de poderes ilimitados absolutos na autocracia. Neste sentido, o corpo deste trabalho se desdobra a partir dos trechos retirados do filme *A onda* em sua versão Alemã do ano de 2008, sob direção de Dennis Gansel, que representam as características de poder, violência e opressão na formação de grupos ideológicos no ambiente escolar. O filme usado em questão, está disponível na plataforma do YouTube de forma gratuita, no canal “ALuzMcOficial”, com duração de 01:46:49 (uma hora, quarenta e seis minutos e quarenta e nove segundos).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado como aporte teórico o filósofo, professor e crítico literário Michel Foucault em sua obra *A ordem do discurso* (1996),

demonstrando a produção dos discursos dos indivíduos, além de seus locais de fala, quanto ao seu sistema de exclusão. As obras *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Pedagogia da autonomia* (1996) do pedagogo brasileiro Paulo Freire, nas quais são representados fatores e comportamentos dos opressores e oprimidos, assim como a forma que atuam e devem atuar perante sociedade, além do papel a ser exercido pelo professor em sala de aula. Gabriel Benedito Isaac Chalita com suas noções de poder e as ideias a ele atrelados, em sua obra *O poder* (1999); em consonância as ideias de poder, Audrey Gonçalves Castro em *Bem vindo a ideologia do medo* (2018) evocada a origem do medo e sua relação ao ser oprimido, que se apresenta em posição contrária daquele que possui o poder. Com Hannah Arendt em sua obra *Da violência* (2004), é possível conhecer os dogmas acerca da violência; enquanto com Leandro Bacheaga, descobrimos os princípios do ser alienado, em *A alienação do homem sob o governo totalitário nazista em Hannah Arendt* (2012). Além de realizar um breve apanhado histórico sobre um momento ímpar para a sociedade, o Nazismo, e suas manifestações de comportamentos que assemelham-se a história narrada no filme *A onda* (2008) e nas falas dos teóricos acima citados.

Tendo em vista todos os aparatos presentes para a realização da análise, apresenta-se como necessário o entendimento do assunto em questão e de sua importância nas contribuições no sistema educacional. Apresentando a necessidade da inclusão de produções filmicas na grade curricular de ensino, temos estudiosos como: Pamela de Bortoli Machado (2019), Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza Holleben (s.d), João Batista Chaves da Cunha (2010), Marília Mello Pisani (2013) e a Lei 13.006, que apoiam o uso do cinema em sala de aula, com o objetivo de enriquecimento cultural, por meio do uso da intertextualidade e interdisciplinaridade.

O presente trabalho está dividido em três seções: referencial teórico: ideologias humanas, cinema e sua relação com a educação e a análise dos *corpora*. A primeira parte está subdividida em dois componentes: “Ideologias presentes nas relações humanas que levam a alienação” e “alienação, poder e violência”, abordando a visão de alguns teóricos sobre o comportamento do ser humano em sociedade e o que os levam a agir de forma impulsiva diante de ideologias e princípios diferentes aos seus. Em “cinema e educação”, busca abordar a importância de se trabalhar o cinema atrelado aos assuntos curriculares, atentando-se às transformações socioculturais do novo tempo, utilizando-as como função social com teor formativo. A terceira parte está expondo a análise dos *corpora*, de forma que apresente a formação de comportamento das personagens do filme *A onda* (2008) em consonância aos

pensamentos teóricos abordados, demonstrando por de imagens, cenas, discursos e ações, como o uso de obras cinematográficas agem de forma eficaz, capaz de reeducar e desalienar alunos que estão em situação de formação de caráter.

1. REFERENCIAL TEÓRICO: ideologias sociais.

1.1. Ideologias presentes nas relações humanas que levam a alienação

FIGURA 1 - ALUNOS REALIZANDO A SAUDAÇÃO DO GRUPO *A ONDA* JUNTO A SEU LÍDER



FONTE: Filme *Die Welle* (2008)

Em sociedade, há diversas formas de discursos que situam as posições e papéis exercidos pelos indivíduos, sendo comum encontrar situações de exclusão perante grupos de cidadãos. As pessoas que não se encaixam nos padrões pré-exigidos pelo topo da pirâmide de grupos já estruturados e não possuem coragem para externar seus pensamentos, têm muitas vezes suas falas silenciadas. Logo, sem voz, muitos buscam líderes e grupos que transmitam as ideologias compatíveis com seus propósitos a fim de se sentirem parte de um núcleo, tendo a partir desse momento, alguém para representar seu discurso. Como explica Michel Foucault:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter que começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-las à distância. (FOUCAULT, 1996. p, 6 e 7).

Essa ação é representada como problema central nas implicações e lacunas da humanização sobre o entendimento, existência e traços da desumanização, o que torna possível encontrar indivíduos inconclusos em ambas as etapas. Dessa maneira, Freire (1987), acredita que há pessoas inconclusas sobre o conhecimento de suas ideologias e emoções, ao encontrar pessoas com voz ativa em seu próprio discurso, acomodam-se dentro daquele discurso e tomam a verdade do outro como sua verdade.

Castro (2018) explica que a ideologia pode ser considerada visões sociais em que o mundo está envolvido, ou seja, está diretamente ligada às ações que envolvem o ser humano e sua natureza, sendo influenciada principalmente pelo posicionamento de fatos históricos e ligadas diretamente a práticas discursivas. Para manter o posicionamento de um discurso é necessário que a postura apresentada transmita de forma confiável a sua verdade para os ouvintes, sendo fundamental que não haja dúvidas sobre a ideologia que o indivíduo acredita, já que em movimentos ideológicos sempre há quem não compactue com as ideias transmitidas. Se o indivíduo não conseguir sustentar seus argumentos no discurso, é posto em xeque toda a verdade que o mesmo acredita, tornando-o incapaz de agir perante a sociedade.

Dessa forma, é perceptível a importância da voz ativa e persuasiva nos diversos modos de discursos, tornando-se primordial para o porquê e para que as lutas são destinadas. Assim, o discurso está ligeiramente ligado às noções de desejo e poder, visto que serão utilizadas para alcançar os resultados de seus objetivos, como explica Foucault (1996).

Chalita (1999) afirma que o poder é algo deslumbrante que fascina, sendo capaz de gerar ilusões e sentimentos do ser inalcançável e imbatível, mostrando-se como a maior ambição humana, estando presente na vida do homem desde seus primórdios. Visto que, “A vida social se traduz numa permanente luta pelo poder, na qual tomam parte os grupos sociais, na defesa de seus interesses ideológicos quase sempre conflitantes, e também cada indivíduo isoladamente considerado.” (CHALITA, 1999. p, 15). logo, é possível encontrar algumas estratégias ligadas muitas vezes a imposição de vontades nas relações sociais, apresentando-se como ações de persuasão, força e censura, de forma psicológica ou física. Além de se encontrar sempre em posições bilaterais, visto que as vontades que se relacionam, apenas uma prevalece. Dessa forma, ou sua verdade é ouvida e reconhecida como uma palavra verídica, ou cai por terra, sendo profundamente rejeitada e excluída, como reforça Foucault (1996).

Dentre as noções de poder de um ponto de vista psicológico, é possível entender que:

O desejo de poder, considerado do ponto de vista psicológico, não se enraíza na força, mas na debilidade. É a expressão da incapacidade do eu individual de manter-se só e de subsistir. Constitui a tentativa de força na ausência da força genuína. A palavra poder, diz o psicólogo, tem um duplo sentido. O primeiro se refere à posse de alguém, à capacidade de dominá-lo. O outro, ao poder de realizar algo, de ser potente. Este último sentido não diz respeito ao fato da dominação, expressando apenas domínio no sentido de capacidade. (ERICH FROMM, apud CHALITA, 1999. p, 16 e 17)

O que restabelece a dominação sobre a realidade do outro de forma opressora e violenta, resultando na exclusão aqueles que não aceitam as imposições feitas sobre si, os tornando seres passivos e rejeitados pela sociedade, impossibilitados de transmitir sua voz no discurso, passam a ocupar o lugar de oprimidos. Tornando-se então, um objeto de uso para a arte da dominação, visto que durante toda a movimentação realizada pelo homem para a obtenção de poder, se resume a sua necessidade de impor suas vontades àquele que perderá a batalha, como explica Arendt (2004).

As personagens do filme a ser analisado são meros produtos do sistema político autocrático, estes que clamam por valores igualitários, são os mesmos que criam reféns de seus atos, disseminam e proliferam um discurso autoritário, pregando por exclusão de seus não adeptos. Para os opressores, a postura e o ser oprimido sempre será do ser inferior, como é explicado por Paulo Freire:

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros”, os “malvados”, os “ferozes”. (FREIRE, 1987, p. 28 e 29)

No entanto, diante de situações radicais impostas, alguns indivíduos que se encontram nas posições de oprimidos e dominados podem reagir de forma não esperada. “A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como a distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos.” (FREIRE, 1987. p, 20), travando uma luta de classes ideológicas em busca da restauração da sociedade, na busca da humanização dos opressores e de sua generosidade verdadeira.

Freire (1987) ainda acrescenta que não é uma tarefa fácil o oprimido transformar opressores em seres humanizados, visto que o próprio oprimido tem em si traços opressores.

Visto que, viver sua dualidade de forma consciente em um momento de transformação alheia, só é possível a partir da conscientização do próprio oprimido em “ser é parecer e parecer é parecer com o opressor” (FREIRE, 1987. p, 20), atuando conscientemente de forma justa perante suas escolhas, como acrescenta:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (FREIRE, 1996. p, 19 e 20).

Ademais, Freire (1996) relata que há riscos ao acrescentar algo novo a realidade na qual o indivíduo está inserido, visto que nem sempre a aceitação ao novo é bem sucedida, tendo em vista que não é regra acolher sempre coisas novas, da mesma forma que não é regra jogar algo fora porque está velho. Sendo assim, o indivíduo possui o livre arbítrio para aceitar ou negar quaisquer ações ou mudanças impostas a si, no entanto, suas escolhas representaram seu papel perante a sociedade.

A partir do momento em que há uma democracia instaurada na vivência de grupos humanos, essa por sua vez destina o poder de escolhas de cada ser humano, ato político que está ligeiramente ligado ao livre arbítrio humano, “Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações.” (FREIRE, 1996. p, 20), sendo ações e pensamentos de superioridade e de dono da verdade única, que configuram os seres humanos ao desumanizado, ignorante e insensato.

Quando essas reações se manifestam de forma negativa, é possível que o sentimento de medo invada o ser do ensinante, que por sua vez ocupa uma posição desfavorecida ao opressor, visto que nas relações de poder, os opressores sempre estão um a passo a frente, são capazes de instaurar o medo em seus adversários, como explicado desde a mitologia:

Na mitologia grega clássica, Fobos, o deus do medo, é a personificação do temor trazido pela guerra. Filho de Ares e Afrodite e irmão gêmeo de Deimos, *Fobos* simbolizava o medo e acompanhava Ares nos campos de batalha, onde injetava a covardia e o pânico no coração dos inimigos, fazendo-os fugir. *Fobos*, então, era um deus protetor, que defendia quem se ampara nele, causando terror nos que dele se aproximavam. Daí o termo “fobia”: medo a um objeto específico... É sabido que as experiências, a história de vida, os traumas, os sintomas, além dos medos e das angústias vivenciados pelo sujeito, são determinantes no modo pelo qual eles são inseridos em determinado contexto cultural e histórico, sendo decisivos em sua meta de vida dentro daquela sociedade. (CASTRO, 2018. p, 59)

Assim, como explicado acima, o medo é um sentimento que fará parte da vida do sujeito de forma ativa, delimitando suas ações e o subordinando a diversas situações. Visto que, como explica Castro (2018), sua origem se detém de uma criação artificial, o medo não é palpável ou visto, ele se mantém no interior das pessoas, levando-as à tentativa de proteção e ao combate ativo aos diversos fatores sociais. Ou seja, “a linguagem do medo se transformou em uma arma de dominação política e de controle da sociedade, como uma construção não só social mas também ideológica.” (CASTRO, 2018. p, 60). Dessa forma, com base nesse controle social imposto à sociedade, é comum encontrar sujeitos que se alienam a uma ideologia imposta, anulando totalmente suas vontades, e pensamentos, se permitindo viver a um novo modelo imposto por outra pessoa ou doutrina.

1.2 – Ideologia, poder e violência

A ideologia da alienação é uma característica perceptível em governos totalitários, visto que mesmo subordinados à limitação na liberdade psicológica e física, seus integrantes desconhecem o abismo aí existente. É possível notar que “em outras palavras, ao totalitarismo interessava tão somente a dedicação do povo aos ideais políticos do governo, limando todo e qualquer interesse autônomo e individual, excluindo da vida humana sua dedicação e amor ao que sempre lhe havia sido próprio.” (BACHEGA, 2012. p, 32). Desta forma é necessário reforçar o fator da anulação da individualidade do cidadão participante de tais regimes.

Definido como um sistema organizacional, composto por uma massa individualizada, amorfa e atomizada de indivíduos, isolados do convívio e relações próximas, por medo de serem considerados contrários ao regime ou suspeitos de traição. Seu único contato com o mundo exterior se dá através do líder, que lhes comunica a realidade explicada sob sua fantasia – e uma vez desconexas de um mundo efetivo, agem em nome da ideologia, pois para todos não existem verdades além desta; o totalitarismo exige total e irrestrita lealdade por parte de todas as pessoas, orientadas pela doutrina dos líderes, que visa expandir-se e envolver toda a humanidade. (BACHEGA, 2012. p, 32).

Diante deste pensamento, o indivíduo anula suas vontades e interesses devido a pressão exercida por aqueles que possuem o poder. É complicado falar sobre regime político totalitário e não citar o domínio nazista de Adolf Hitler como exemplo, foi com a insatisfação da população gerada após as diversas crises econômicas e a situação de desemprego, que Hitler ganhou notoriedade entre os cidadãos. Fazia parte do seu discurso, os benefícios a

serem oferecidos a população com sua chegada ao poder, “falava com eloquência e dizia que traria mudanças, contrário ao cumprimento do Tratado de Versalhes” (PRADO, 2017. p, 69), o que apresentou-se como detalhe atrativo para o partido nazista, recebendo muitos filiados, principalmente jovens desempregados e de classe média baixa.

Aqui — na crítica intransigente do império, na rejeição de seus modos de acomodar os diferentes povos da Europa Central e na determinação de unificar todos os alemães num Estado único, desprezando as fronteiras nacionais existentes — reside o ponto de partida do pensamento daquele que se tornaria o Führer. (MAZOWER, 2013. p, 57).

Como explica Prado (2017), além da promessa de limitar os povos Judeus em território alemão, empregando-lhes no seu discurso a culpa da terrível crise que o país se assolava, apresentando-os como raça inferior, comparando-os a vermes, usando teorias antisemitas para sustentar seus argumentos de fúria e ódio. Hitler também desenvolveu uma política de amor à pátria, voltada ao nacionalismo exacerbado, que deveria ser protegido por todo o povo alemão.

Ademais, com a ideia de purificação da população alemã e redenção da vergonha causada pela assinatura do Tratado de Versalhes, Hitler instaura o unipartidarismo no país, e para sua aderência, realiza propagandas em massas sobre seu nobre gesto para com a população, se mantendo a favor da identidade alemã pura, abolindo a miscigenação, estas por sua vez, mantinham o intuito de “transformar seu líder em salvador era mais uma das características do totalitarismo de Hitler, o qual deveria ser respeitado e adorado.” (PRADO, 2017. p, 70)

Durante o período que Führer esteve no poder, foram possíveis notar os diversos tipos de ideologias que o grupo político carregava, Hitler sem dúvidas era o dono da verdade para àquela realidade estabelecida, como é explicado por Foucault (1996). Além que “Hitler sabia do poder apelativo de seus discursos, pois a massa tende a ser melhor controlada quando imagina que faz parte de algo maior, quando faz parte de um grupo especial.” (Prado, 2017. p, 70).

Em meio a seu poder, ficou claro quem exercia as posições de opressor e oprimido explicadas por Freire (1987), Hitler usou de sua autonomia para tentar exterminar uma raça que além de achar inferior, mantinha ideologias diferentes das suas, não poupou os judeus de suas atrocidades. Nas mínimas possibilidades eram coagidos e deportados, muitos foram capturados e direcionados aos campos de concentração, onde ali perdiam suas vidas. De fato,

Hitler não conseguiria usufruir de todo o seu poder, sem as pessoas que costumamos chamar de alienados, que apoiaram suas ideias, seja por medo ou por possuir as mesmas crenças.

Por conseguinte, a obra cinematográfica a ser analisada posteriormente, é problematizada questões como o fanatismo e aceitação de uma ideologia movida opressão e violência, o poder como ferramenta de manipulação e propagação de ódio, o autoritarismo, o pudor a democracia, de forma muito clara e concisa, que dialogam com o regime imposto por Hitler na Alemanha. Sendo possível afirmar que cinema traz consigo reflexões e problematizações sobre o mundo real, possibilitando a aproximação entre o aluno e o conteúdo abordado pela produção filmica.

Diante de situações como essas, que envolvem poder e alienação, tanto representadas pelo filme quanto pela política de Hitler, é comum encontrar ações de violências, sejam elas físicas ou psicológicas, e como explica Sorel (1961) há mais de seis décadas atrás, “Os problemas da violência permanecem ainda muito obscuros” (SOREL. p, 60 *apud* ARENDT, 2004. p, 22). Arendt (2004) ainda afirma que a violência nada mais é que uma demonstração de manifestações de poder, ato que já foi confirmado por teóricos políticos de direita e esquerda.

Ao relatar sobre a comparação dos seres humanos a animais para melhor entender o que gera o sentimento de violência em seu elo interior, Arendt (2004) notou que algumas pesquisas científicas do âmbito social, afirmam que ignorância em não aceitar outras verdades sobre as questões evolutivas abordadas no diálogo, faz com que o ser humano passe a agir de forma irracional. Porém a filósofa afirma que a violência não surge desses traços.

Visto que, ao afirmar que os seres humanos agem de forma irracional e são movidos pelo ódio é o mesmo que usar ideias voltadas ao senso comum. Arendt (2004) traz que o ódio gerado é voltado às situações que poderiam ter sido revertidas pelo ser humano ou até inexistente, mas chegaram a sua concretização.

A violência é um recurso enormemente tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, em razão de sua proximidade e rapidez. Agir com deliberada rapidez vai contra a essência do ódio e da violência, porém, isso não os torna irracionais.[...]A questão não é que uma tal ação nos permite dar vazão aos nossos impulsos reprimidos[...] A questão é que em certas circunstâncias a violência[...] é a única maneira de equilibrar a balança da justiça de maneira certa. [...] A ausência de emoções não causa nem promove a racionalidade. (ARENDR, 2004. p, 39 e 40).

Em um fragmento escrito por Arendt (2014) é revelado que as chances de vínculos movidos a base da violência darem certos, são mínimos, já que as condições mantidas nessas relações são precárias e estão expostas ao perigo a todo instante. E foi o que aconteceu durante uma demonstração sobre o domínio político autocrata em um colégio dos Estados Unidos.

A experiência social vivida pelo professor de história Ron Jones e seus alunos do Ensino Médio em uma escola da cidade de Palo Alto - Califórnia, durante uma semana de projetos sociais, ganhou uma versão escrita pelo escritor Todd Strasser, o livro em forma de romance dramatiza a história que inspirou o produtor de cinema Dennis Gansel, na produção do filme *Die Welle* (2008) ou *A Onda* (2008), como é popularmente conhecido no Brasil.

2. CINEMA E EDUCAÇÃO, SUA IMPORTÂNCIA

2.1. O cinema como transformação pedagógica

Na história da humanidade, no que se diz respeito ao processo educacional, deu-se devido a várias transformações sociais existentes, diante de tais transformações podemos reconhecer que a transmissão de conhecimento se modernizou ao passar do tempo, ressaltando fatos históricos e culturais já vividos anteriormente. Podendo afirmar que a educação não se restringiu ao quadro social ou o meio em que apenas um indivíduo vive, dessa forma, é necessário redirecionar o olhar sobre as ideias de contextos e culturas diferentes.

Para Pimentel (2011), é de tamanha importância que os profissionais da educação se atentem a todas as transformações socioculturais que remetem ao novo tempo. Visto que, na educação é possível encontrar mecanismos repressores que apresentem ânsia de atualização em mudanças socioculturais. Dentre essas inovações é necessário ressaltar o campo das multimídias, área que tem ganhado grande notoriedade nos últimos tempos, que também é conhecida por Cultura de Mídias.

A cultura das mídias refere-se ao processo promovido pela criação de redes de complementaridade e , graças à tendência para interligações dos meios de comunicação entre si, tais redes ampliam a dinâmica cultural com novos e

complexos fenômenos (Santella, 2002). Podemos dizer então que tal cultura engloba o fenômeno da mistura de meios e linguagens que originam a multiplicação de processos comunicativos, como a televisão, o computador, o cinema, a fotocopadora, celulares, jornais, revistas, cada vez mais sofisticados. (PIMENTA, 2011, p. 21)

Desta forma, de modo a acrescentar ao ensino, o objetivo a ser alcançado é o enriquecimento da estrutura atualmente ainda monótona e arcaica do mesmo, apresentando um caráter transformativo e inovador, onde além de aproximar o educador do educando, conta também com a possibilidade de uma proliferação de informações, conhecimento e comunicação. A união da educação com temas transversais apresentados pelo cinema apresenta uma proposta alternativa para o uso de filmes no ambiente escolar, sendo possível analisar uma função social com teor formativo. A partir deste, é possível aguçar os sentidos críticos-analíticos e reflexões dialógicas em cinema e educação, como acrescenta Pimentel (2011).

O estudo do cinema atrelado a sala de aula tem sido um tema bastante recorrente, sua contribuição também possui suma importância para as abordagens das novas linguagens, como a fílmica que será o objeto de estudo para este trabalho, pois sua estrutura interdisciplinar com propósitos e finalidades ideológicas propõe uma inovação na reprodução de questões sociais abordadas em salas de aula. “Posto dessa forma, o cinema é o meio de produção cultural que tem uma linguagem formada, por meio da qual difunde valores e crenças, e cujas bases estão estruturadas, apesar de seu processo de desenvolvimento e legitimação continuar em andamento.” (CUNHA, 2010 .p, 1 e 2), contribuindo positivamente para a ação pedagógica, como explica Machado:

Tudo indica que o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e a formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico, que, desde muito cedo, se acreditava capaz de interferir, de algum modo, na educação das massas, fora dos bancos escolares Não é de surpreender, portanto, que a ideia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (DUARTE; ALEGRIA, 2008. p, 61 *apud* MACHADO, 2019. p, 20).

Ao compreender os benefícios das produções cinematográficas na educação como formativos, que trazem ao aluno a possibilidade de se identificar ideologicamente e o aproximar da realidade apresentada pelo cinema, é possível apresentar novas margens para uma maior reflexão sobre esses temas que parecem cada vez mais presentes em seu cotidiano. Desse modo “é sob esse ponto de vista[...] que trazemos uma discussão sobre o cinema, atribuindo-lhe uma função formativa que enseja refletir sobre a educação do adolescente

frente à imagem e reconhecer efeitos no seu sentir, pensar e agir que ela produz” (PIMENTEL, 2011, p. 22)

O cinema é um campo cheio de possibilidades sobre a realidade a qual o aluno está inserido, não servindo apenas como entretenimento ou reprodução midiática, pois o mesmo ultrapassa essa função se pondo como interferência sociocultural, nos provocando para além do que nos acomodamos a pensar. Como citado, não se trata apenas de reproduzir cinematograficamente o mundo em que o aluno está inserido, mas, além disso, criar um novo olhar e uma nova forma de potencializar a análise sobre esse ambiente, por meio das diversas linguagens disponibilizadas pelo cinema.

Napolitano (2003) explica que apesar da escola ter descoberto com atraso o benefício da relação entre cinema e escola, deve se estabelecer como indispensável o uso do mesmo durante as aulas. Visto que “Trabalhar com o cinema em sala de aula ajuda a escola a reencontrar a cultura [...] pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores mais amplos são sintetizados.” (NAPOLITANO, 2003. p, s.n.), e que apesar do vasto campo pedagógico, o cinema traz à escola as transformações e inovações necessárias para a construção da comunicação de massas.

No entanto, mesmo com a evolução das diversas tecnologias nas últimas décadas, é perceptível a resistência escolar no que se diz respeito à inovação de aulas com o uso de materiais interdisciplinares. Para Napolitano (2003), há alguns problemas na abordagem do filme na escola, o que pode ocasionar essa resistência, sendo elas, a falta de recursos tecnológicos disponíveis, suporte técnico, sala apropriada, dentre diversos fatores. Em escolas particulares as implicações são mínimas, porém nas escolas públicas a realidade é outra.

Como perceptível, a relação entre escola e cinema é configurada como uma via de mão dupla, visto que, a educação pode criar conjunturas para uma leitura mais crítica e profunda do cinema, enquanto o cinema pode servir de embasamento para educação, pois ela necessita captar particularidades das obras filmicas. Desta forma, para as escolas que mantêm o uso do cinema para além do plano didático regular proposto pelo MEC, a equipe coordenativa junto aos professores seriam os responsáveis por escolher os filmes que se atrelam aos assuntos das disciplinas curriculares, sendo preciso ressaltar que o uso de meios midiáticos em sala de aula não substituirão os métodos já conhecidos, como explica Holleben (s.d.).

Considerando que a educação realizada pela escola exige determinados requisitos curriculares como conteúdos, seriação, disciplinas, métodos, horários, etc. Na arte cinematográfica, os filmes não foram pensados para atendê-los, embora se possa dizer que a vocação educativa dos filmes é praticamente inerente à sua produção. Desde as últimas décadas do século XX, a sociedade assistiu e assistirá o surgimento de tecnologias que desafiarão e desafiarão os fundamentos dos atuais sistemas de educação, principalmente porque mesmo dada a modismos, nesse aspecto, a escola resiste bravamente às mudanças. Temos testemunhado que mesmo com toda a inovação tecnológica existente e a vitalidade com que a linguagem audiovisual se firmou na sociedade contemporânea, a educação escolar está, ainda, em grande parte, centrada na escrita e na oralidade. (HOLLEBEN, s.d. p, 53).

Diante do processo de adaptação das escolas, é necessário que os professores, assim como toda a comunidade escolar estejam dispostos a agirem como intermediários entre alunos e filmes, mesmo que seja um novo ambiente para eles também, tendo em vista que “é importante que tenhamos claro como educadores que embora reflitam as nuances do cotidiano e suas ideologia, nem sempre as películas são fiéis à realidade que reproduzem.” (HOLLEBEN, s.d. p, 53).

Este professor mediador será responsável por propor atividades filmicas que irão além do prazer, situação que poderá emergir diversas reações por parte dos alunos, sejam elas positivas ou negativas, que por sua vez, serão desenvolvidas e atreladas a assuntos da grade curricular comum, com o intuito de tornar o aluno um espectador crítico, capaz de reconhecer experiências cotidianas nas produções cinematográficas, como ressalta Napolitano (2003).

Quanto ao papel a ser desenvolvido pela escola, além de profissionalizar a comunidade docente, deverá apresentar a importância do uso de novas linguagens para o desenvolvimento cognitivo de todos, orientando-os para os benefícios para o dia a dia, como é explicado por TEIXEIRA & SOARES, 2003, p.14 *apud* HOLLEBEN, s.d. p, 52. Acrescentando ainda:

Em relação à produção estética do cinema, é também responsabilidade da escola, - tendo em conta a função social que exerce na mediação entre o conhecimento produzido e os educandos, - "despertá los para o fascínio de sua magia, combatendo todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de qualquer sistema de signos que se procure impor" (TEIXEIRA & SOARES, 2003, p.14) Dotá-los de capacidade crítica e esclarecimento para tirá-los da condição de consumidores passivos, não significa restringir a eles, “o prazer contido na experiência estética proporcionada pelo cinema de boa qualidade”. (TEIXEIRA & SOARES, p.14). (HOLLEBEN, s.d. p, 52).

Quanto a reformulação de conteúdo adaptados a obras cinematográficas, Napolitano (2003) segue demonstrando parâmetros para o uso do cinema em sala de aula, sendo eles, o conteúdo curricular, sendo os filmes atrelados a assuntos curriculares das diversas disciplinas, como o uso de temas transversais com enfoque interdisciplinar; as competências e

habilidades, que está voltado o uso cognitivo, desenvolvendo as habilidades do aluno, com o intuito de torná-lo consumidor da cultura; e por fim os conceitos, que estão presentes no conteúdo filmico, por meio dos argumentos, situações e roteiros, que representam a problemática abordada no tema.

Para que o cinema se transforme em um instrumento pedagógico, é necessário que seu uso seja realizado por meio de alguns fatores, como explica Napolitano (2003), sendo eles, pelo conteúdo que aborda a fonte, quando “um filme pode ser usado como fonte quando o professor direciona a análise e o debate dos alunos para os problemas e as questões surgidas com base no argumento, nos personagens, nos valores morais e ideológicos que constituem a narrativa da obra.” (NAPOLITANO, 2003. p, s.n), para esta abordagem o filme será o delimitador das questões trabalhadas em sala de aula.

Ao dar continuidade ao conteúdo, pode-se perceber a abordagem do filme apresentada como um texto-gerador, no qual o filme em si não será o assunto mais relevante da aula, e sim suas questões sociais e tema, “o importante é não ficar apenas no filme como “ilustração”, mas usar criticamente a narrativa e as representações filmicas como elementos propulsores de pesquisas e debates temáticos.” ((NAPOLITANO, 2003 .p, s.n).

Quanto ao uso cinematográfico desenvolvido a partir de sua linguagem expressiva, na qual a história em si não é o principal contribuinte para a formação da aula . Duas formas também são apresentadas por Napolitano (2003), no educar pelo olhar do espectador, o filme pode ser escolhido de forma independente ao assunto ou tema abordado nele, assim “as atividades com filmes em sala de aula podem, em si e por si, desenvolver habilidades e competências diversas, menos ligadas à problemática e discussão sobre o conteúdo do filme e mais às formas narrativas e aos recursos expressivos que o cinema, como linguagem, possui.” (NAPOLITANO, 2003 .p, s.n.). Sua outra perspectiva com base na linguagem é realizada com base na sua interação com as demais formas de linguagens, sendo elas verbais, visuais ou em gestos.

Centradas na manipulação das diversas linguagens [...] envolvendo desenvolvimento de textos valendo-se do roteiro original do filme, criação de outras situações e desenlaces, expressão corporal por meio do estudo dos personagens e das cenas, reprodução (em forma de desenhos, esculturas gravuras) de cenários e figurinos e dramatização de algumas passagens pelos alunos. (NAPOLITANO, 2003 .p, s.n.).

Já para a realização de atividades filmicas voltadas à técnica, a abordagem a ganhar notoriedade serão aquelas alternativas voltadas à forma que são apresentadas. “Trata-se de

uma abordagem alternativa ao conteúdo e representações dos filmes selecionados pelo professor [...] que pode debater sobre diversos processos, etapas, tratamentos técnicos e tecnológicos dos materiais e efeitos presentes nos filmes, independente do seu conteúdo.” (NAPOLITANO, 2003 .p, s.n.).

Assim, Napolitano (2003) segue informando que as abordagens podem ser realizadas a partir do marketing, como meio de comunicação, tecnologia, o processo de distribuição da imagem; a edição e pós-produção, com os processos físico-mecânicos e digitais, que são adicionais na produção dos filmes; Quanto sua revelação e conservação, que envolvem processos químicos e físicos em relação ao negativo da imagem; filmagem, com estudos sob os efeitos ópticos, mecânicos, lentes, filtros, movimentos, efeitos em geral.

Para amparar as formas de abordagens em sala de aula realizadas por Napolitano (2003), se torna necessário a apresentação de noções básicas da linguagem cinematográfica. Para isso, Pisani (2020) apresenta conceitos básicos e fundamentais para a estrutura de planos e movimentos, sendo importante colocar que, “quando estudamos a linguagem cinematográfica de planos e movimentos, fazemos referência, em primeiro lugar, a um conjunto de sinais empregados em uma forma de comunicação” (PISANI, 2013, p. 1).

A mesma explica que os meios que estabelecem a comunicação escolhidos, principalmente pelo cinema, são as imagens e os sons. O som subdivide-se em diferentes categorias, sendo elas o efeito sonoro, trilha sonora e locução, quanto a imagem divide-se pelo conteúdo e por sua forma, que são capazes de entreter o espectador, aumentando ou diminuindo a intensidade dos fatos.

Para isso, ao “plano de câmera é o nome dado a uma imagem capturada por uma câmera de cinema ou vídeo, que enquadre algo, geralmente um ser humano, de uma forma previamente definida” (PISANI, 2013, p. 2). Para sua definição, é necessário citar grandes nomes, como por exemplo o inglês Charles Chaplin, que fez uso da narrativa visual, conhecida hoje como cinema mudo, onde sua produção advém da dificuldade de sincronizar imagem e som.

Pisani (2013) trás termos referidos as dimensões geográficas, como o GPG, que significa Grande Plano Geral, fazendo referência ao plano que possui uma imagem com grande espaçamento e que abrange um vasto território, passando ao espectador, localizações geográficas, fato que contribui para a construção de uma narrativa, ressaltando as dimensões

ambientais. Quanto ao Plano Geral compete a função de trazer especificidade à imagem, identificando pessoas, carros, parques, entre outros. Ambos transmitem ao espectador a noção de referência.

Já o plano da câmera sobre relações humanas, diz muito sobre a qualidade da imagem a ser passada, como explica Pisani (2013). Ele é formado pelo plano americano que enquadra o personagem ou do joelho a cabeça, ou da cintura a cabeça; plano conjunto, que também é chamado de plano conceito, em que a imagem será apresentada de acordo com a ideia a se passar; plano médio, que captura o personagem na altura da cintura a cabeça, que a depender da distância da câmera dará ou não ênfase a plano de fundo apresentado; meio plano que se encaixa da altura do tórax a cabeça, muito usado em campanhas eleitorais ou no jornalismo; e o close, que se enquadra do queixo a testa, com intuito de captar as expressões do personagem e por fim o detalhe, que pretende evidenciar um objeto em cena.

Para Pisani (2013) é importante citar, que com a evolução da tecnologia tornou-se possível notar os movimentos que integram a imagem do cinema. Tornando-se válido lembrar que no início da história do cinema as imagens eram estáticas, e o surgimento do *travelling* trouxe ao cinema os primeiros movimentos, panorâmicos horizontais e verticais apresentando o *dolly* que é usado para revelar os detalhes da imagem no plano vertical, movimentos para os lados, frente e trás.

No entanto, com o passar dos anos e o avanço da tecnologia, alguns dos movimentos citados acima, passaram a ser realizados sem o deslocamento da câmera. Visto que, hoje, apenas com um jogo de lentes por meio do zoom é possível realizar diferentes tipos de movimentos. Alguns dos mais conhecidos são: O *zoom-in*, que é a aproximação realizada por meio de jogo de lentes, alterando do plano aberto para o plano fechado; o *zoom-out* é contrário do *zoom-in*, realizando o afastamento; as câmeras com atitude transmite a atitude da cena; a câmera baixa ou nervosa conhecidas por passarem a ideia de superioridade; a câmera subjetiva pode ser classificada de duas formas, de forma passiva ou com interação com o personagem; a câmera nervosa é encarregada de passar ao espectador a sensação de desconforto e incerteza. Todos esses movimentos são bastante importantes para gerar efeito de sentido no telespectador, como é citado por Pisani (2013).

Ademais, é necessário citar o reconhecimento dos benefícios ao ensino obtidos com a contribuição de obras filmicas. Visto que, no Brasil foi sancionado por lei o uso obrigatório do

cinema em todas as escolas de educação básica, de forma que esteja diretamente ligado à proposta pedagógica que a escola oferece.

O Projeto de Lei do senador Cristovam Buarque (PL 185/08) inicialmente acrescentava o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, propondo que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”. (FRESQUET, 2015. p, 05).

Como explicativa para a aprovação dessa lei, o senador usou argumentos válidos e sólidos, tais abordavam assuntos como a importância da cultura estar presente na vida dos alunos, além de incrementar a dinâmica estática encontrada nas escolas. No entanto, é importante que para que o desenvolvimento da mesma seja de forma coerente, a mesma possua acesso democratizado, alcançando todas as escolas, além de ter acesso às diversidades, valorize a cultura local, apresentado como forma de conhecimento e incentivar o aluno a produzir, como apresenta Fresquet (2015).

2.2. Educação e o filme *A onda* (2008)

O estudo do filme *A onda* (2008) pode ser considerado um grande atrativo a educação devido ao seu alto teor formativo, visto que o mesmo mostra as possibilidades de subjugação do sujeito através da persuasão e quais atrativos levam o ser humano a alienar-se a falsas ideologias de igualdade, além de demonstrar a verdadeira face de um sistema opressor e totalitário.

O filme narra a trajetória do curto período de uma semana vivida pelo professor Rainer Wenger e seus alunos durante as aulas extracurriculares, a qual o professor foi proferido à turma de autocracia mesmo contra sua vontade. Como objetivo da aula, o mesmo deveria explicar sobre o percurso do regime político autocrático na história e suas complicações. No entanto, o inesperado para o senhor Wenger aconteceu, as inscrições em sua disciplina obtiveram muito êxito, visto que a turma abaixo de sua sala de aula abordará a temática voltada à democracia, assunto popular.

Durante sua primeira aula, um aluno afirmou que seria impossível o surgimento de um regime político de poder totalitário nos tempos atuais, visto que a democracia já havia sido

consolidada, com esse levantamento o professor sugere que durante a semana uma dinâmica seja aplicada, instalando um sistema ditatorial com a permissão e concessão dos alunos, no qual o líder escolhido foi o próprio professor.

A partir desse momento, os alunos deveriam se dirigir ao professor como Sr. Wenger, pedir permissão para falar, usar uniforme (camiseta branca), manter a postura ao sentar, além de juntar alunos medianos aos que tiravam notas excelentes. O grupo ganhou um nome (a onda), uma saudação (fazendo o sinal de uma onda com o braço direito) e um slogan (desenho de uma onda), ambos criados e escolhidos por seus alunos.

Desta forma, as ações do grupo ganharam maiores proporções, se expandindo para além dos portões da escola, invadindo as ruas da cidade e páginas na internet, o movimento ganhou notoriedade e novos adeptos. No entanto, além da grande aceitação por parte dos alunos, os demais professores encontram-se insatisfeitos com o modo que Wenger lidera suas aulas e as práticas aplicadas a elas.

No embalo das emoções, os alunos dos cursos sociais divergentes passam a ser inimigos, gerando conflitos dentro e fora da escola. Um aluno chama a atenção, este recebe o nome de Tim, se trata de um rapaz que sempre buscou notoriedade em todos os seus ciclos sociais, porém, nunca recebeu a devida atenção, ao ingressar no grupo a onda, além de ganhar amigos, o aluno adquiriu disciplina e poder, alcançando objetivo que sempre buscou, passando a viver devotamente as raízes da autocracia empregadas àquele grupo de alunos.

Todos, exceto os integrantes da onda, percebiam que algo estava errado visto que, o professor Wenger já não possuía o mesmo controle sobre seus alunos e após sair nos jornais um dos atos de vandalismos praticados pelos integrantes do grupo, o professor decide por um fim na história que já havia ido longe demais, reunindo todos os alunos no auditório do colégio ao meio dia do sábado.

A tentativa não tem um resultado satisfatório, após um discurso para mostrar que as atitudes tomadas pelos alunos eram erradas, assim como todo o movimento autocrata, Tim se mantém resistente e retira um revólver da cintura de sua calça, atirando no colega que tentara desarmá-lo e após o primeiro disparo, Tim atira contra si mesmo. O filme se encerra com a prisão do professor Wenger, saindo da escola algemado, sob os olhares de todos os alunos que estavam no auditório, professores, e familiares.

O filme aborda inúmeras reflexões acerca de temas como totalitarismo, violência, poder e opressão. Desta forma, ao analisar a produção cinematográfica, é perceptível a exposição de como o ser humano é facilmente manipulado por falsas ideias de igualdade. Por conseguinte no âmbito social atual e as possibilidades de diferentes políticas que regem o autoritarismo e o anti-humanismo, a análise do filme torna-se relevante, pois ao decorrer do consumo de tais conteúdos na forma de entretenimento, é possível associar novos olhares a essas temáticas dentro do cinema.

Sendo possível notar os benefícios da produção cinematográfica na educação como formativo que trás ao aluno a possibilidade de se identificar ideologicamente, e o aproximar da realidade apresentada pelo cinema, abordando novas margens para uma maior reflexão sobre temas que estão cada vez mais presentes em seu cotidiano. Desse modo “é sob esse ponto de vista [...] que trazemos uma discussão sobre o cinema, atribuindo-lhe uma função formativa que enseja refletir sobre a educação do adolescente frente à imagem e reconhecer efeitos no seu sentir, pensar e agir que ela produz” (PIMENTEL, 2011, p. 22).

O cinema é um campo cheio de possibilidades sobre a realidade a qual o aluno está inserido, não servindo apenas como entretenimento ou reprodução midiática, pois o mesmo ultrapassa essa função se pondo como interferência sociocultural, provocando-o para além do que se acomoda a pensar.

Tudo indica que o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e a formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico, que, desde muito cedo, se acreditava capaz de interferir, de algum modo, na educação das massas, fora dos bancos escolares não é de surpreender, portanto, que a ideia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (ALEGRIA, 2008. p, 61 apud MACHADO, 2019. p, 20).

Como citado acima, não se trata apenas de reproduzir cinematograficamente o mundo em que o aluno está inserido, mas, além disso, criar um novo olhar e uma nova forma de potencializar o ponto de vista sobre esse ambiente por meio das diversas linguagens disponibilizadas pelo cinema. Partindo da premissa que, ao demonstrar a real face da manifestação desta falsa política igualitária demonstrada na obra, possa agregar de forma positiva a construção moral e civilizadora do aluno.

O consumo de temas transversais aflora reflexos dos anseios e de como se relacionam com a realidade que está a sua volta, que se dissolvem e se reforçam nas obras cinematográficas, possibilitando a problematização de questões sobre a formação social do ser adolescente, além de se apresentar como divisor entre as diversas manifestações culturais, como explica Pimentel (2011).

Em *A onda* (2008) vemos que o direito de ir e vir de algumas pessoas são barrados por um grupo, o qual se denomina justiceiro e dono da verdade e igualdade, porém que fomenta a violência, uso do poder, opressão, voz totalmente ativa no discurso ao qual se pronunciam e exclusão daqueles que se põe como divergentes a seus ideais. O uso do mesmo em sala de aula contribui para o entendimento das relações humanas comunicativas e como elas agem dentro de grupos sociais, compreendendo as problemáticas relacionadas ao surgimento dos grupos totalitários e o comportamento do homem diante de situações impostas a si.

O falso desejo de justiça e igualdade representado no filme são apresentados com a subversão do discurso, das vontades e ideologias do outro, alcançando a anulação da liberdade individual e a proteção interna dos indivíduos daquele grupo, o que a primeira vista apresenta-se de forma atrativa, foge do controle e os levam a instauração de uma política com ideais autocráticos. A obra apresentará ao aluno, como ocorre a dominação da realidade de uma forma opressora e violenta, excluindo aqueles que não aceitam as imposições feitas sobre si, os tornando seres passivos e rejeitados pela sociedade que ao serem impossibilitados de transmitir sua voz no discurso, passam a ocupar o lugar de oprimidos.

A partir desse ponto de vista, no filme há algumas situações que geram incertezas ao telespectador, estas que por sua vez pairam em torno do decorrer da história sobre as personagens e seus comportamentos em relação ao enredo, ao primeiro momento é notável que as atitudes dos estudantes tendem a ir por lados positivos, ao ajudar seus colegas, compartilhar com aqueles que tenham menos, no entanto, ao decorrer da história é perceptível a mudança radical de comportamento quando lhes são atribuídos poderes, onde as boas ações e as ajudas são voltadas apenas ao seu grupo, fazendo o oposto para apoiadores de outras ideologias.

É por meio de suas diversas linguagens que o cinema coloca à mostra as relações do adolescente com ele mesmo, o outro, a sociedade e o mundo. Ao visualizar essas possibilidades, reconhecemos brechas que uma leitura imagética sugere para se adentrar no universo do cinema e analisá-lo em um contexto educativo. Portanto, o objetivo de nossa discussão é problematizar questões da vida para a formação social do adolescente, na qual pontuamos como o cinema, em sua tarefa de meio de difusão

da cultura, trata a representação do ser humano em suas diversas manifestações, como dá a conhecer o *modo de ser* adolescente. (PIMENTEL, 2011, p. 22 e 23)

Assim, ressalta-se a ideia que o filme não deve ser usado apenas como atração midiática, mas sim para representar a problematização dos discursos apresentados e instigar reflexões sobre a importância do estudo sobre esses discursos em sala de aula, podendo agir de forma positiva também na construção de caráter, pois a apresentação de temáticas do cotidiano levam o aluno ao questionamento sobre suas ações no dia a dia.

Para tanto, deve-se educar os sujeitos sociais a partir de um corpo de conhecimentos indispensáveis acumulados na história da humanidade, para que estes mesmos sujeitos reconheçam essas alternativas e, criticamente, optem pela emancipação humana, voltada ao interesse da coletividade; ou seja, os interesses da coletividade devem estar incorporados nos objetivos educacionais no tocante à formação omnilateral do sujeito social. Ao educador convém estar também consciente do caráter prático das ideologias, e do seu potencial oclusivo, conservador, subversivo ou emancipador. (PENELLUC e MORADILLO, 2020, p. 307).

Nesse viés, o educador deve fazer uso de sua prática docente para aprofundar a capacidade de criticidade e curiosidade do aluno, não se abstendo a superficialidade dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, visto que o uso de questões derivadas da realidade tem a capacidade de moldar as formas de ações sociais. Com o uso de tais elementos aplicados ao ensino, o educando passa a ser visto como um transformador de ações, tornando-se não apenas um educador de conteúdos programados, mas também um formador sobre o que é certo.

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. (FREIRE, 1996, p. 14)

Ademais, Freire (1996) acrescenta a necessidade que o docente entenda que ao ensinar haja a compreensão que a educação é uma forma de intervenção no mundo, sendo plausível que não haja dúvidas sobre a importância e o seu papel a ser desempenhado quanto educador, visto que, seus conhecimentos, independente da forma que forem passados, bem ou mal, reproduz um discurso ideológico.

Para Penelluc e Moradillo (2020), uma educação que se volta ao estudo das práticas de ideologias, voltando-se para a superação das alienações existentes para a formação de um

sujeito, assim “a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) pode se valer dos processos históricos de formações ideológicas e de alienação para aprofundar a crítica à prática social, com vistas à emancipação e formação do ser omnilateral” (PENELLUC e Moradillo, 2020, p. 314) e sua relação com a sociedade e seu trabalho de forma livre.

Desta forma, como apresentado, ao passo do uso pela união do cinema e educação, o mesmo pode ser usado com finalidades de desalienar e reeducar o aluno, visto que como demonstrado em seu enredo, o homem é facilmente manipulado por um grupo ou por um líder, que como o uso do discurso pode vir a organizar um novo regime.

3. ANÁLISE DO FILME *A ONDA* (2008), DILIGÊNCIAS IDEOLÓGICAS A SEREM ABORDADOS PELA EDUCAÇÃO.

As figuras a seguir foram retiradas do filme *A onda*, versão alemã do ano de 2008, autores Todd Strasser e Ron Jones, sob direção do diretor de cinema Dennis Gansel, adaptado do filme *A onda* (1981), lançado no Brasil no dia 21 de agosto de 2009. As cenas escolhidas abordam temáticas sociais que são fundamentais para a construção do caráter da população, inclusive ao qual o aluno pode estar inserido. Por meio do seu enredo, discurso e ações em cena, é possível compreender como é formado um partido político totalitário e quais ideologias cercam as relações humanas daqueles que pertencem ao regime, além de abordar a exclusão de indivíduos em discursos, como aborda Foucault (1996), que desvenda as relações dos indivíduos vistas sob práticas discursivas à base de poder.

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinitivamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 1996, p. 08)

Por conseguinte, no primeiro momento é necessário entender o que leva a formação de um regime político totalitário ao qual o desfecho do filme se conclui, pois servirá de base para entender o que leva os indivíduos a acreditarem que estão fazendo o certo. Para a formação social de um indivíduo que convive em sociedade, participa ativamente das escolhas de um estado e mantém relações pessoais com outros indivíduos, é de suma importância entender quais as possibilidades e atrativos que levam um único líder ao poder.



Plano 1

Como fator importante, é necessário citar que o ato de insatisfação de um povo, nação ou grupo social, se rege como uma das principais formas de instauração de tais partidos totalitaristas, característica que se encontram logo nos primeiros minutos do filme em questão. Em uma conversa com um colega (PLANO 1) uma das personagens relata sua insatisfação com a geração atual de jovens, na qual afirma que não há união nem objetivos a serem alçados e isso o desanima profundamente. Ao se tratar do sentimento de negação para com a atual geração, é necessário citar que esta por sua vez é uma das principais movimentações possíveis que fazem com que pessoas busquem por discursos atrativos, como afirma Prado (2013).

Já no primeiro momento da primeira aula de autocracia, foi realizada uma conversa sobre quais requisitos de um sistema autocrático, os alunos dão exemplos citando a insatisfação e inquietude, como visto no PLANO 1, ideologia e figura central de liderança, e ao citarem o governo de Hitler como exemplo, um aluno afirma que seria impossível o surgimento de um regime político de poder autoritário nos tempos atuais, visto que a democracia já havia sido consolidada.



Plano 2

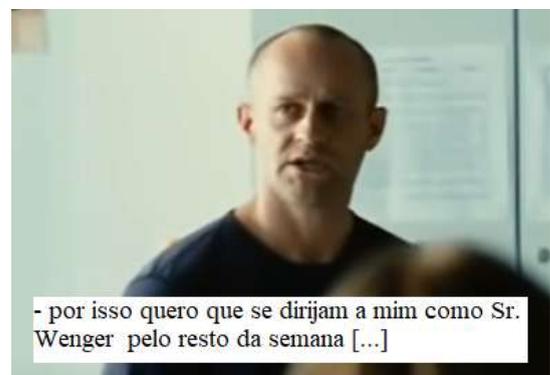


Plano 3

Eis que surge uma ideia ao professor, instaurar um partido autocrático na turma durante aquela única semana de aula para que os alunos entendam na prática como se desenvolvem tais partidos políticos que abraçam características Nazistas, o experimento deveria receber um fim após a última aula na sexta-feira. Após chegarem ao consenso de que o sistema autocrata precisa de um fuhrer (líder), a maioria da sala escolhe o professor, com exceções de apenas dois alunos, um que pretendia ser o líder e uma aluna que não entendeu o objetivo do professor, no entanto a escolha continua. Imediatamente, após o nomearem líder da sala, o professor toma posse de seus direitos impostos pelo sistema autocrático com uma liderança ácida e de total poder único.



Plano 4



Plano 5



Plano 6



Plano 7

Diante destes planos sequenciais é possível ressaltar o close no rosto do professor, visto que, que o rosto é a parte do corpo que mais expressa sentimentos como aborda Pisani (2013), é notável uma expressão de superioridade, buscando demonstrar que ele está no comando.

Para melhor explicar a relação de poder e a linguagem corporal vista acima, Chalita (1999) afirma que o poder pode ser algo indeterminado e que seu significado vai muito além da palavra que o constitui, visto que o mesmo, expressa sentimentos de soberania, autoridade,

força, autonomia, superioridade e dominação. Por conseguinte, continua afirmando que na vida social, as demonstrações de poder estão diretamente ligadas ao cunho de teor político, visto como ideia central do Estado, “O Estado não *tem* poder, o Estado *é* o poder” (CHALITA, 1999, p. 08), como observado no experimento social realizado pelo professor.

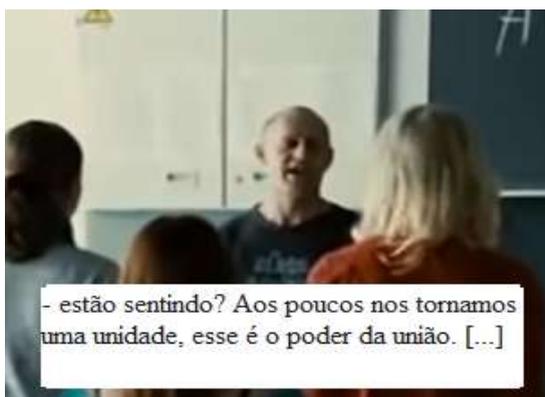
Na dinâmica social abordada no filme, o professor pode ser comparado ao Estado citado por Chalita (1999), visto que ao primeiro passo caberia ao professor todas as decisões a serem tomadas. Visto que, a rivalidade entre as turmas de anarquia e autocracia é estimulada ainda nos primeiros momentos do filme, durante uma atividade interdisciplinar da aula do Sr. Wenger, na qual a atividade tenta unir os alunos daquela disciplina como um único coro, além de instigar a competitividade entre as classes.



Plano 8



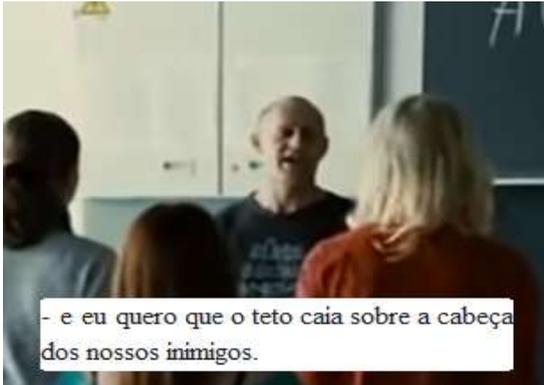
Plano 9



Plano 10



Plano 11

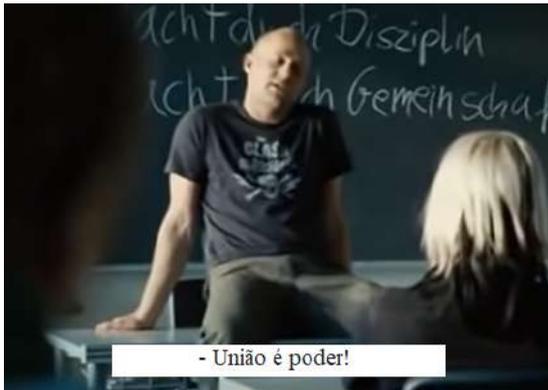


Plano 12

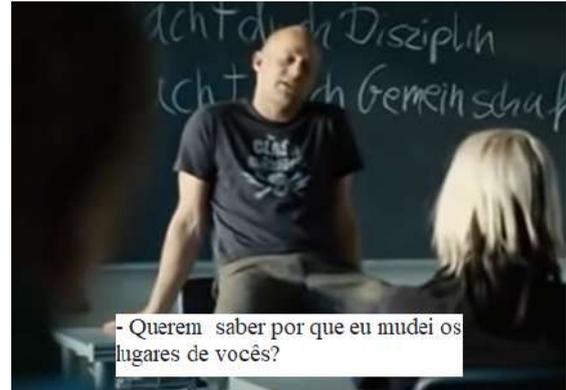
Diante do exposto, Chalita (2013) explica que a ambição humana vai muito além de apenas de possuir o poder, seu ego possui ânsias difíceis de serem saciadas, apresentando-o como uma das maiores inspirações do ser humano. Ao analisar a cena acima, é possível notar que o professor não se satisfaz apenas com poder que tem dentro da turma, ademais ele sente a necessidade de estimular a rivalidade por meio do seu discurso atrativo de união, além de também se referir a turma de sistema político ideológico oposto como “inimigos”, desejando-lhes o pior, como é possível encontrar no PLANO 13, dessa forma:

O homem comum, assim, ascende ao poder, bastando que respeite as mesmas normas que os já privilegiados pela fortuna precisam respeitar. O poder é contingencial, não basta adquiri-lo. O comodismo leva a perda do poder. O homem comum precisa encontrar-se com a *Virtú*, trabalhar a massa e tirar do poder outro que não tenha a mesma habilidade que ele. (CHALITA, 2013, p. 76 e 77)

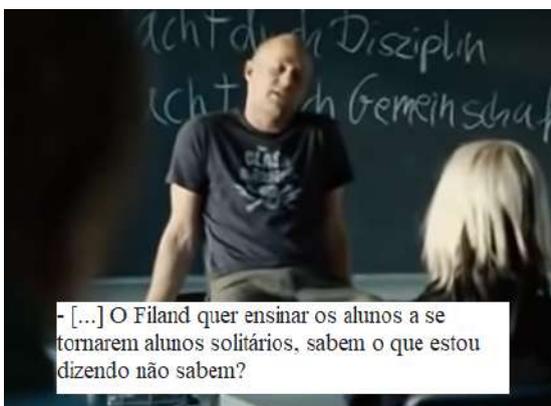
A partir desta premissa, é notável a movimentação feita pelo professor para mostrar a massa que se encontra na sala de aula e que seu discurso é mais atrativo que o de outro professor. É nítido que com seu poder de persuasão, o professor Wenger cria uma rivalidade entre os alunos de turmas diferentes, citando os pontos fracos do líder da outra disciplina indo em busca da aprovação dos alunos que se encontram em sua turma. Diante deste cenário, o professor aproveita para explicar o que significa a expressão “união é poder”, alternando os lugares de seus alunos e os fazendo acreditar que essa seria a solução para todos os problemas ali existentes, e pede para que as duplas formadas trabalhem juntas com a finalidade de que se ajudem e anulem as competições, além de afirmar que não há alunos fracos e sim notas fracas. Atitudes que de início não parecem agradar os alunos.



Plano 13



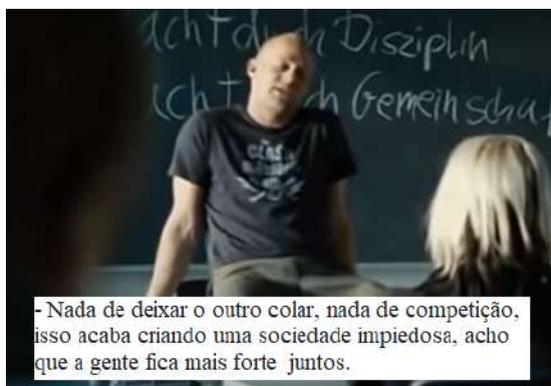
Plano 14



Plano 15



Plano 16



Plano 17



Plano 18

Diante do comportamento adotado pelo professor em suas aulas, Chalita (2013) afirma que aquele que detém do poder e retrata que a sua visão de sociedade é o cenário perfeito para se viver, além de lançar discursos positivos e atrativos, promessas favoráveis com finalidade de igualdade e a busca pelo bem da população. Isso se dá com a preocupação de manter o poder em suas mãos, como explica (CHALITA, 2013, p. 09) “pode-se também ter com preocupação fundamental a questão da legitimidade do poder. Buscar justificá-lo, encontrar o elemento que lhe garante sua possibilidade de exercício”. Foucault (1996) acrescenta que este mesmo poder, pode abarcar perigos inimagináveis do discurso, visto que a inquietação de

supor lutas, vontades, fomentos, e servidões, retrata sentimentos ásperos que já haviam sido amenizadas, assim:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar. (FOULCAULT, 1996, P 10).

Diante do exposto, é possível notar que o discurso tem total influência em relações sociais e culturais, além de integrarem ativamente na construção de ideologias, que se posicionam como o maior fator na construção do olhar de um indivíduo, grupos ou até mesmo sociedades, sobre o mundo. Por sua vez, “entendemos que a ideologia tende a fornecer propósitos e sentido à ação social e a influir em processos educativos e nos juízos que as pessoas fazem sobre a realidade em questão inseridas.” (PENELUC, MORADILLO, 2020, p. 300)

Assim, é possível reforçar a ideia de que a ideologia faz parte da vida social e moral de um indivíduo e o guia nas escolhas e ações em seu dia a dia. Diante desta afirmação, Peneluc e Moradillo (2020), explicam que as ideias e ideais do sujeito encontram-se sob escolha da ideologia a qual pertence, sendo o momento que surge a hipótese de uma alienação sem conhecimento, pois, é bem provável que o sujeito seja posto em uma posição de alienação e não perceba. Nesse segmento, nota-se que:

Em meio ao processo histórico de alienação, sejam assumidas por enunciados com status de verdade científica, por ilusões desprovidas de fatorialidade; as ideologias acabam por influenciar decisivamente nas relações sociais, pois as relações de produção são constituídas por superestruturas ligadas dialeticamente às condições de produção (infraestrutura). Na constituição de uma sociedade, a sua produção material depende das condições sociais criadas historicamente para que ela exista e se reproduza. (PENELUC, MORADILLO, 2020, p. 301 e 302)

Em síntese, a alienação surge diante das diferenças entre as reais relações dos seres humanos, sejam elas de classes sociais, raciais, de ideias, falas ou princípios. O filme *A onda* (2008) apresenta ao telespectador as diversas faces de uma alienação, e principalmente a facilidade de alienar e manipular o sujeito ou seu grupo social, por meio de falsas ideias e ideais impostos por um líder, neste caso o professor Wenger lança as em seus discursos as primeiras buscas por igualdade. Durante umas das aulas, ao levantar um questionamento

sobre o capitalismo, o alto consumo de mercadoria e os altos valores lhes atribuídos, surge um comentário sobre a adoção dos uniformes nas escolas e sua acessibilidade.

Após este questionamento, concluírem que os uniformes são mais acessíveis em comparação com aos valores de roupas comuns e de marcas mundialmente conhecidas, e fica determinado que os alunos dessa turma usem uma camiseta branca como uniforme durante a semana, além de padronização, buscam a diferenciação entre os demais alunos. No entanto, um dos alunos recusa a usar, pois não teria uma camisa na cor branca, e um de seus colegas se dispõe a emprestar uma, se tornando uma atitude nobre reconhecida pelo professor.



Plano 19



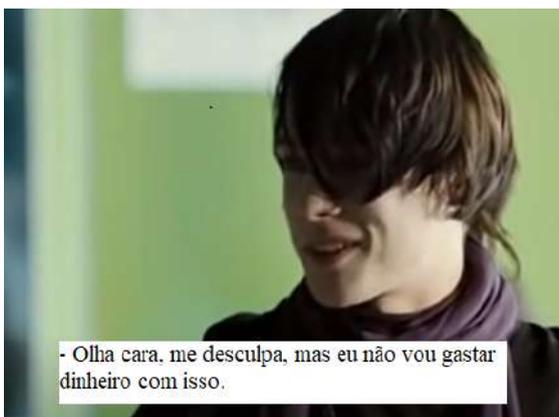
Plano 20



Plano 21



Plano 22



Plano 23

Plano 24



Plano 25

Nas cenas acima, é possível ver um momento de rejeição por parte do aluno ao informar que não tem uma camiseta branca e não estaria interessado em comprar uma e gastar seu dinheiro, neste exato momento é possível que o telespectador se faça uma pergunta: ele realmente não está interessado em comprar uma camiseta branca, ou ele não mantém condições financeiras suficientes para que possa comprar uma camiseta?

Como explicado por Penelluc e Moradillo (2020) sob o ponto de vista abordado por Althusser (1980), a infraestrutura econômica e as condições sociais que se voltam à ideologia, são premissas importantes para que um molde social seja estabelecido de forma histórica. Assim, atestando a relação existente entre o setor econômico e a ideologia, esta que por sua vez tem total influência sobre as ações produtivas, quanto ao Estado cabe a responsabilidade de manutenção dos aparelhos ideológicos para a dada ideologia. Assim, “Mesmo considerando a intensificação eventual da luta de classes, o Estado ainda permaneceria em sua função repressora, mesmo porque devemos considerar quais indivíduos [...] compõem o seu aparelho.” (PENELUC, MORADILLO, 2020, p. 302).

É notável o deslumbramento da turma e do professor com a boa ação do colega em presentear o amigo com uma camiseta branca, visto que, determinada ação incentivou os demais alunos a também usarem a cor branca nas próximas aulas. No entanto, esse discurso propagado pelo professor com a ajuda dos próprios alunos sobre os altos valores de produtos de marcas famosas e a verdadeira realidade da população, um aluno de classe social alta, nomeado por Tim, se sente mal, pois tinha diversos produtos de marcas caras com valores altíssimos. Ao chegar em casa, o aluno queimou todas as roupas, dentre elas Adidas e a Nike, apontando o primeiro momento do filme que é demonstrado o alienamento por meio de discursos, estes que por sua vez foram argumentados e expostos em aula.



Plano 26



Plano 27



Plano 28

Pelo exposto, é perceptível que as formas de alienação variem de acordo com as necessidades ideológicas refletidas na consciência do sujeito, “(...) Agora a luta social se reflete em uma luta ideológica para a consciência, a revelação ou a dissimulação do caráter de classe da sociedade.” (LUKÁCS, 2014, p. 11 *apud* PENELLUC e MORADILLO, 2020, p. 303).

A absorção das informações citadas, realizadas por um discurso claro, conciso, ao qual abraça uma nobre causa e com teor apelativo, leva ao aluno Tim ao questionamento sobre seus valores morais. Diante de seus vários objetos de valores, enquanto outras pessoas não podiam os possuírem devido às questões financeiras, o aluno entra em um estado de negação sobre seus princípios e valores que foram adquiridos durante sua construção social.

Assumimos que o discurso nos auxilia a compreender não só a ideologia subjacente às organizações, mas também como as organizações exercem influência sobre a sociedade como um todo, utilizando-se de seus membros, sendo que tal influência se mostra uma forma de alienação. Nesse aspecto, o discurso da organização teria como função primordial a negação do homem. (FREDDO, 1994, p. 25)

A partir desse momento é possível notar uma mudança de comportamento nesse aluno e dos demais colegas de classe, as personagens entram em crise social consigo mesmas, e

passam a agir em prol do grupo criado em aula. Freddo (1994) acrescenta que o indivíduo após entrar nesse estado de alienação, ele passa a viver em prol da alusão criada pela ideologia que passou a seguir a partir daquele momento, além de passar a acreditar “que o bem [...] poderá se tomar uma realidade se os indivíduos colocarem sua crença e sua confiança nas organizações [...] o no qual nenhum cidadão pode estar feliz se a nação não estiver” (FREDDO, 1994, p. 25).

Assim, crenças de tais possibilidades e movidos pela vontade da restauração da igualdade, as atitudes passam a serem oriundas de discursos derivados dos objetivos de sua ideologia, tais que o grupo passa a desempenhar “papéis predeterminados, padronizados, impostos através de sanções, de punições, do controle” (FREDDO, 1994, p. 26), visto que seu líder cuidou de impor seu discurso de modo atrativo e sutil, pondo a frente valores e crenças que transmitem verdades e harmonias.

Na aula seguinte, a qual os alunos deveriam mostrar respeito ao sistema implantado em sala de aula usando camisas brancas, a aluna caro e sua colega de classe Dana, não aderem aos uniformes, o que as tornam o centro dos olhares ao entrar na turma. Por adotarem essa conduta e desrespeitarem a decisão do líder, as garotas são excluídas das decisões a serem tomadas sobre o grupo como forma de punição, visto que o sistema não tolera aqueles que se voltam a seus moldes, “que se referem à esfera cultural da organização, quanto as sanções, a coação, a admoestação etc. que dizem respeito à esfera política da organização, mais especificamente ao exercício do poder” (FREDDO, 1994, p. 26).



Plano 29

Nesta cena, o professor desempenha um papel fundamental para as ideais ideologias do novo grupo, ao rejeitar as garotas e suas opiniões, o mesmo passa a seus seguidores o molde de como agir com pessoas que não pertencem ao mesmo sistema, que a partir desse momento passa a ser chamado de a onda.

Sua atuação está embasada em uma concepção de violência, pois "o sujeito de ações instrumentais (...), interessado exclusivamente no êxito de sua ação, deve dispor de meios graças aos quais possa forçar um sujeito com capacidade decisória, seja pela ameaça de sanções, seja pela manipulação hábil de alternativas de ação." Nesse sentido, o dirigente é ainda um agente do poder político, no que se refere à capacidade que ele tem de tornar hegemônicos os interesses da organização, de tornar universais os interesses particulares da organização, de apresentar como sendo do interesse dos indivíduos aquilo que é somente do interesse da organização. (FREDDO, 1994, p. 26)

Assim, o líder possui em suas mãos a decisão final, de quem faz ou não parte do grupo do bem, mensagem que é frisada pelo grupo a onda, pois em seus discursos buscam por igualdade. É possível notar ainda que nesse momento é apresentado um discurso de rejeição e opressão oculto, visto que, mesmo não sendo apresentado por via oral, apresenta atitudes que pertencem ao inconsciente político de reprovação e da não aceitação, ou seja, "É nesse sentido que a face oculta do poder político, a imposição da esfera cultural da organização, se mostra ideológica, fundamentada por seu inconsciente político." (FREDDO, 1994, p. 26).

É diante desse fator que o líder induz respeito e que acatem suas decisões como obrigação do indivíduo, em caso da não aceitação o sujeito passa a ter sua voz silenciada e esquecida perante o sistema organizacional. Surgindo os primeiros indícios das posições de opressor e oprimido nas relações desempenhadas no âmbito social, que para Freire (1987) o opressor age de maneira desumana sobre os oprimidos, impondo-lhes suas vontades, verdades, saberes, vontades, ideias e ideologias, meios que os gratificam por sua falsa ideia de igualdade.

Assim, é possível notar que as personagens do filme passam a ser meros produtos do sistema político autocrático adotado pelo professor, estes que clamam por valores igualitários, são os mesmos que criam reféns de seus atos, disseminam e propagam um discurso autoritário, pregado por exclusão de seus não adeptos. Para os opressores, a postura e o ser oprimido sempre será do ser inferior, como é explicado por Paulo Freire:

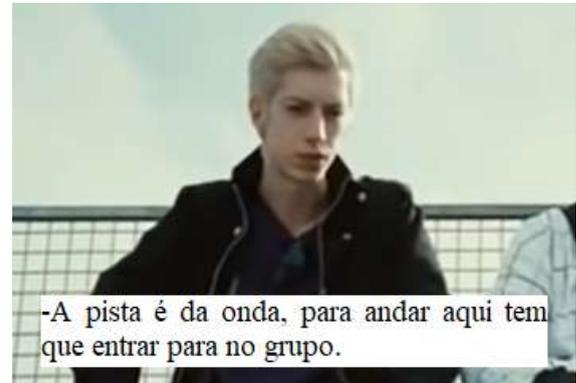
Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua "generosidade", são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de "essa gente" ou de "essa massa cega e invejosa", ou de "selvagens", ou de "nativos", ou de "subversivos", são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os "violentos", os "bárbaros", os "malvados", os "ferozes". (FREIRE, 1987, p. 28 e 29)

É diante dessa falsa generosidade estigmada por seu líder que as personagens acreditam que ao estarem em um grupo, e impor aos outros os seus ideais, estão realizando ações de justiceiros que buscam o bem. Seguem com adoração as ordens destinadas a si, seja no ato de adotar um uniforme para o reconhecimento do grupo, ou exagerar em seus atos ao impedir que as pessoas que não compactuam com suas ideologias frequentem lugares públicos.

Dessa forma, professor desfruta de seu poder e aproveita para instigar o movimento “ação é poder”, pois são capazes de realizar grandes revoluções e ao desempenhar esse posicionamento para seu público que seriam jovens ainda construindo características morais, os fazem crer de também estão no poder e que o resto da população devem se curvar a eles.



Plano 30



Plano 31

Como no plano citado acima, após o início das atividades desenvolvidas nas primeiras aulas extracurriculares, os alunos começam a povoar e mandar em lugares públicos. Esta que por sua vez é a primeira cena que remete ao poder do grupo, o local escolhido foi a pista de skate, momento em que alunos do professor Wenger impõem a três crianças a adesão ao grupo, caso contrário não poderiam usar a pista e assim se fez nos demais locais, permitindo apenas a entrada daqueles que já participavam ou aderiram ao grupo. O que torna possível notar o surgimento dos motivos que levam a ascensão da ideologia apresentada no filme e adesões ao grupo, sejam eles por compactuarem com as ideias apresentadas pelo grupo opressor, ou por terem medo de não seguir esses moldes, como explica Freire em 1987.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça muito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. [...] Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura

dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões. (FREIRE, 1987, p. 22)

É notável que em ambos os sentimentos e ações que o ser humano vá desempenhar vá surgir uma resposta de seus opressores, ao calar-se e aceitar outras ideologias e verdades o oprimido tem por finalidade a anulação de suas vontades e a aceitação de não viver sua liberdade, negando-se a apelar para outros discursos e preferindo se adaptar às novas ideias e crenças. Quanto àqueles que busquem sua liberdade devem estar dispostos a enfrentar grandes revoluções, enfrentando o maior de seus inimigos, o opressor que existe dentro de si, aquele que pode aflorar como o mínimo de poder entregue em suas mãos, como citado por Freire (1987).

Diante desse ponto de vista, o opressor possui condutas inumanas em relação aos seus oprimidos, estas que por suas vezes fogem da verdadeira generosidade e empatia pelo próximo e emana ignorância, violência e atos rebeldes. Nos planos a seguir, os integrantes do grupo a onda se reuniram durante a noite, sendo possível perceber a proporção do tamanho do grupo havia tomado, para espalhar pela cidade os adesivos e pichações que os representam, ato que pode se denominar como vandalismo.



Plano 32



Plano 33



Plano 34



Plano 35



Plano 36



Plano 37

Tim, nunca se encaixou em grupos sociais, nunca teve amigos e sempre buscou a aprovação e aproximação das pessoas e muito menos a atenção de seus pais, sempre viveu nas sombras das outras pessoas e sempre tentando se encaixar em possíveis grupos, mas sempre foi rejeitado. Assim, em busca de reconhecimento se propôs a subir no alto do prédio da prefeitura e pichar o símbolo do grupo (PLANO 36), todos seus colegas reprovaram a ideia, pois seria muito perigoso, é neste momento a polícia chega e dispersa o grupo, deixando subentendido se ele fez ou não tal ato. Ao fazer o corte de cena, o filme leva o espectador ao outro dia no colégio e mostra o aluno se vangloriando por ter feito algo tão irado, e seus novos amigos o parabenizam pela coragem.



Plano 38

Plano 39

A partir desse momento, Tim tem em suas mãos o sentimento de ter poder e tudo o que sempre sonhou, agora seus pais o elogiam devido a seu bom comportamento, tem um grupo para fazer parte, amigos com quem contar e que te admirem e muito respeito, essa seria a demonstração citada por Freire (1987) onde o oprimido descobre-se opressor.

É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está, clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade. (FREIRE, 1987, p. 21)

Esta alteração de valores e posições só é possível devido à aderência ao ser opressor, em muitas circunstâncias o ser oprimido não se vê como alguém que está servindo a imposições, o que torna mais fácil o alienar como opressor ao ver o deslumbramento de permanecer agora em uma posição de superioridade àquela que ocupava. Há também a possibilidade do ser oprimido agir de maneira intensa e forte, lutando contra o seu eu opressor pela busca de sua humanização.



Plano 40

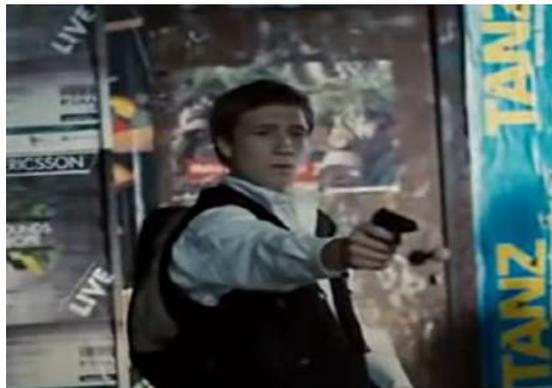


Plano 41

Nos planos citados acima nota-se que a menina, a mesma que não aderiu ao uso do uniforme e foi desconsiderada em sala de aula (PLANO 3) percebe que o grupo está fora de controle e pede para que o professor o acabe o quanto antes, é interessante citar que um dos meninos que pede permissão para andar na pista de skate (Plano 31) e que posteriormente adere ao grupo mesmo sendo uma criança, é seu irmão, sendo notório a proporção alcançada para além dos muros da escola, no entanto, o professor não aceita a opinião de sua aluna e a convida a trocar de sala.

É interessante citar o comportamento adotado pelo professor Wenger após o início de suas aulas e a aplicação da ação pedagógica usada por si durante as mesmas, visto que, como citado por si mesmo, os alunos não tinham respeito e apreço pelos professores, porém com o uso do totalitarismo essa visão mudou, valendo-se lembrar que essa mudança só se deu devido ao ar atrativo e persuasivo do discurso exposto pelo professor em suas aulas introdutórias, como explica Foucault (1996).

Todos que estavam em volta do grupo percebiam o quão longe aquela dinâmica havia ido, exceto aqueles que participavam do mesmo, a diretora e o professor. Diversos elogios feitos pelos pais de alunos sobre a didática do professor foram direcionados a diretoria, a qual deu ao professor carta branca e seu apoio para continuar com sua forma de trabalho. No entanto, enquanto a diretora e o professor se deslumbravam com as mudanças comportamentais dos alunos, nas ruas os mesmo agiam com violência e total domínio por onde passavam.



Plano 42

Essas atitudes são visíveis na cena (PLANO 41) em que parte do grupo a onda se encontra com outro grupo que possuem ideologias opostas, o qual lançam palavras de ofensas para o novo grupo de alunos e após serem chamados de nazistas, os garotos se revoltam gerando uma briga generalizada, que se encerra após Tim sacar um revólver e ameaçar seus inimigos. Seus colegas se revoltam com a atitude do colega, o qual afirma ter apenas balas de festim na arma.

Para Arendt (2004), a violência tem tomado princípios maiores, visto que nos últimos anos ela tem se aliado ainda mais aos moldes políticos e ideológicos, na qual a principal substância que move a violência está diretamente ligada às atividades e relações humanas, momentos em que os fins justificam os meios. Por essa premissa, a violência dos meios é neutralizada quando se comparadas a coisas ruins, visto que sua finalidade é positiva,

valendo-se lembrar que este é o ponto de vista do opressor. Estes que por sua vez contém um adicional, a arbitrariedade, o que faz agir de forma autoritária, agressiva, fazendo o uso da violência para se promover.

O perigo reside em que essas teorias são não apenas plausíveis, por fundamentarem-se em tendências realmente possíveis de se discernir, mas em que, por causa de sua consistência interior, possuem um efeito hipnótico; fazem adormecer o nosso bom senso, que nada mais é que o nosso órgão mental que se destina a perceber, compreender e lidar com a realidade e com os fatos. (ARENDRT, 2004, p. 07)

Essas ações movidas pela arbitrariedade instaurada no ser humano passaram a ser negligenciadas, visto que não se tem visto a necessidade de questionar aquilo que se tornou comum diante da visão humana. Arendt (2004) ainda completa nas épocas anteriores a violência e ódio sempre foram visto como o mal da humanidade é um fenômeno marginal, no entanto nos dias de hoje estas visões são inaplicáveis aos atos, ainda afirmando que devido aos fáceis meios de conhecimentos nos dias atuais é impossível que alguém que tenha o mínimo de informação continue ignorante diante das relações desempenhadas entre os seres humanos e a violência.

Esta que por sua vez, foi fundamentada através do discurso do professor. No último dia da aula daquela semana movimentada, ao acordar, o professor Wenger vai até caixa de correio e no jornal se depara com o símbolo da onda que foi pichado no prédio da prefeitura, sua face muda de expressão e nota o quão longe foi seu experimento (PLANOS 42 A 47). Ao se virar, vê seu aluno Tim levantando do seu jardim, onde provavelmente passou a noite e o leva dali. No caminho até a escola são atacados por uma bola de tinta que foi arremessada por um rapaz que fugiu logo em seguida, o agressor é chamado de “anarquista cretino” pelo aluno, o que leva o professor a entender aquela ação.



Plano 43



-Bom dia, Sr. Wenger.

Plano 44



Plano 45



- É o anarquista cretino, agora acredita que precisa de proteção?

Plano 46



- Eu não sei quem fez isso, e eu nem quero saber quem subiu lá, mas isso com certeza é perigoso.

Plano 47



- Eu também já fiz besteiras, acreditem. Mas isso está indo longe demais.

Plano 48

Plano 49

Durante o percurso o professor se mantém em silêncio, ao chegar à escola e encontrar seus alunos fica nítida a sua revolta por terem desrespeitado um patrimônio público e por agirem como vândalos, em tom de sermão avisa que estão indo longe demais, no entanto não procura saber os culpados (nomes) de quem fez aquela atrocidade na prefeitura, deixando os culpados empune, e finaliza o sermão pedindo para escreverem sobre suas próprias experiências durante a semana.

A funcionalidade do discurso se manifesta em sua pretensão de manipulação e de ocultação dessa manipulação, de tal modo que o ator, ofuscado, insista em sua imunidade. O discurso apresenta, ainda, pretensões de validade que são ilusórias, baseadas na lógica infalível da falsa legitimação. Sua unilateralidade se mostra duplamente perigosa, pois ao apresentar pressupostos válidos apenas para os atores, torna seu locutor uma vítima, por reconhecer nele um ator. Nesse sentido, o locutor, embora se apresente como locutor do poder político, é na verdade um ator do inconsciente político da organização e, como tal, pode também sofrer suas sanções; isto é, o dirigente, ao querer "virar sua própria mesa", poderá virá-la sobre seu próprio pé. Por isso, mais uma vez, suas decisões são de ordem ética. (FREDDO, 1994, p. 31)

É possível perceber o sentimento de culpa e arrependimento por parte do professor, de certo seu discurso de falsa igualdade que semeava o ódio de forma oculta levou os alunos a uma realidade atípica das vivida diariamente, na qual eles maninham o poder centrado em suas mãos, se tornaram populares, tinham reconhecimento e amigos. Quanto ao professor, reconhecer sua culpa seria o mesmo que admitir que havia falhado quanto líder, seria admitir que todos à sua volta tinham razão, inclusive sua esposa.



Plano 50



Plano 51



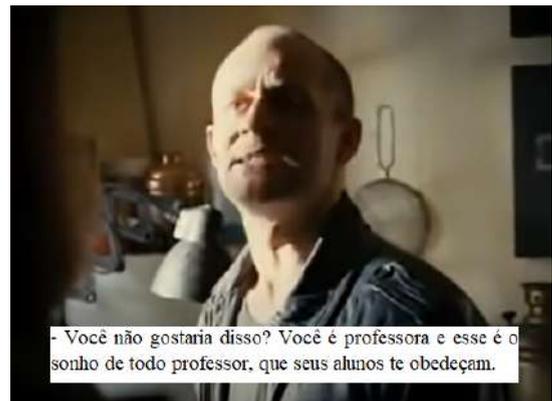
Plano 52



Plano 53



Plano 54



Plano 55



Plano 56



Plano 57

No entanto, sua esposa que também é professora no mesmo colégio, percebeu desde o início as proporções que as atitudes de seu marido e alunos estavam tomando, a foto do prédio da prefeitura estampada nos jornais foi apenas o estopim principal para que o conflito entre ela e o Sr. Wenger eclodisse, momento em que deixa bem claro o verdadeiro culpado da origem de um grupo totalitarista na escola e de toda a violência que o cerca, inclusive sobre a briga generalizada que ocorreu na competição de pólo aquático.

É possível notar que o professor alienou-se às suas próprias palavras, visto que tudo não deveria passar de uma aula interdisciplinar experimental onde o comportamento dos alunos seriam avaliados. É notável como o comportamento do professor também mudou diante de sua ascensão ao poder (PLANO 55), ele adquiriu respeito não só dos alunos, mas também de seus pais e da diretora. Nesta sequência de cenas é possível ressaltar que as violências nas relações humanas não se restringem apenas a física, abrindo espaço para a psicológica que é usada pelo professor (Plano 58) ao citar uma possível depressão de sua esposa como algo pejorativo e defeituoso.

No entanto, no filme é o uso da violência física ganha destaque, como a representada a seguir, onde o namorado de caro, que nunca esteve de acordo com as ações do grupo, a procura para tirar satisfações sobre suas ações para acabar com “a onda”, inicia uma discussão e ele a agride.



Plano 58



Plano 59



Plano 60



Plano 61

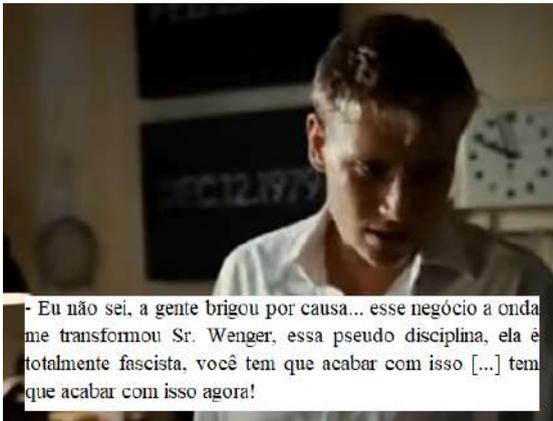
Caro sai chorando, e seu namorado fica apreensivo com a situação, pois nunca havia participado de algo igual, ele procura o professor para contar o que aconteceu e assume que os ideais do grupo o transformou e que antes jamais bateria em caro, assumindo que a disciplina é pseudo fascista, e que o professor precisa acabar com aquilo.



Plano 62



Plano 63



Plano 64



Plano 65

Ao perceber que tudo estava fora de controle, o professor mandou uma mensagem de texto para os alunos, para que no sábado todos pudessem se encontrar no auditório da escola ao meio dia. Ao meio dia e quinze, o professor pede para que o aluno Tim feche as portas para que ninguém o interrompa, ao cumprir a ordem do professor o aluno pede para ficar ao seu lado durante a reunião, e o pedido é concedido.

Os planos seguintes requerem muita atenção do telespectador, a cena de início da reunião, mostra o exército criado pelo professor, desde o momento que os alunos o recebem em silêncio, demonstrando respeito, e refazendo seus movimentos onde também demonstram o sentimento de adoração e devoção, até ao desfecho da história.



Plano 66



Plano 67



Plano 68



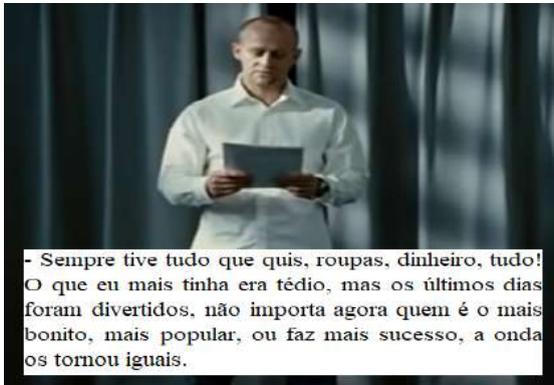
Plano 69

Nos planos acima (PLANO 67 A 70), percebe-se como a ideologia funciona de forma regrada em respeito a se líder, mesmo sem nenhum pronunciamento e se mantendo em silêncio, todos os seus alunos o respeita e age de forma já esperada, todos de pé para receber o professor, fazem o sinal de saudação e se mantém em silêncio, ou seja, todos agem exatamente da mesma forma. Nessa cena também é possível ver com maior clareza a proporção que tomou as ideias do grupo, o número de adeptos é altíssimo. Sobre tais comportamentos e sua construção, Freddo explica que:

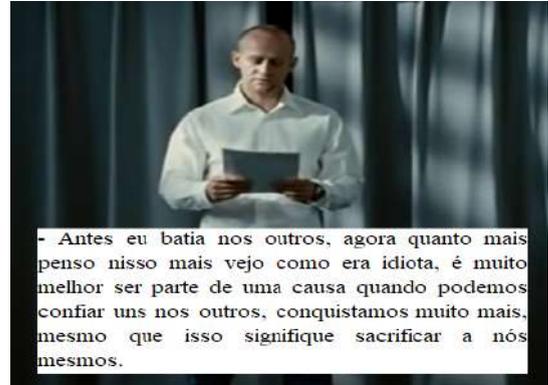
O discurso, por expressar um conteúdo dogmático, ideológico, acredita que existam meios de transformar os comportamentos impostos pela ação administrativa (a própria atuação do dirigente) em comportamentos estáveis e fidedignos como, por exemplo, a obediência às normas e regulamentos da organização, o respeito às crenças da empresa, a honra às tradições da organização etc. Tais meios mostram mecanismos que podem ser formados dentro dos processos pelos quais o indivíduo é socializado em sua cultura dentro da organização. O indivíduo, assim, enquanto ator, se torna um objeto maleável, que sob a influência do discurso se mostra "influenciável". (FREDDO, 1994, p. 28)

Nesse viés, os comportamentos são produzidos através dos ideais impostos por seu líder, se tratando de uma reprodução do seu discurso, momento em que ocorre a proliferação de comportamento, tais como a obediência, idolatria, respeito às ideias e adoração ao sistema

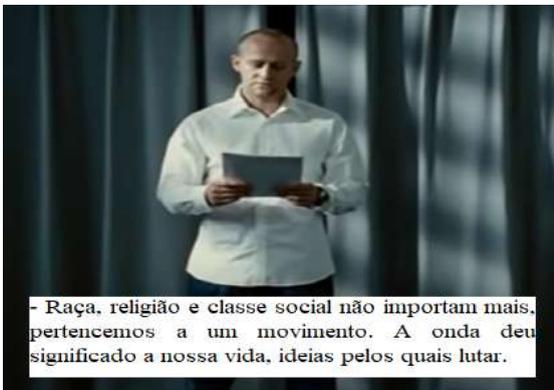
ideológico imposto. Ao dar continuidade, as primeiras falas do professor são as leituras de textos escritos pelos próprios alunos sobre suas experiências.



Plano 70



Plano 71

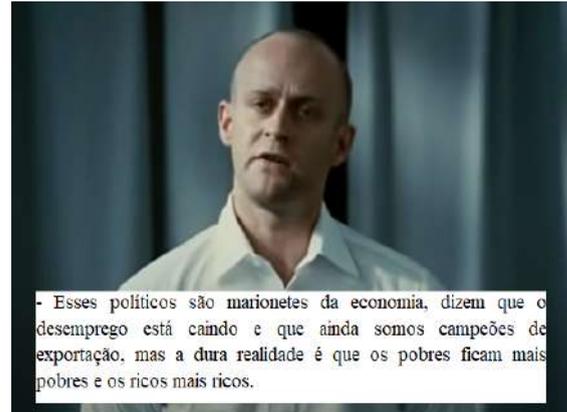


Plano 72

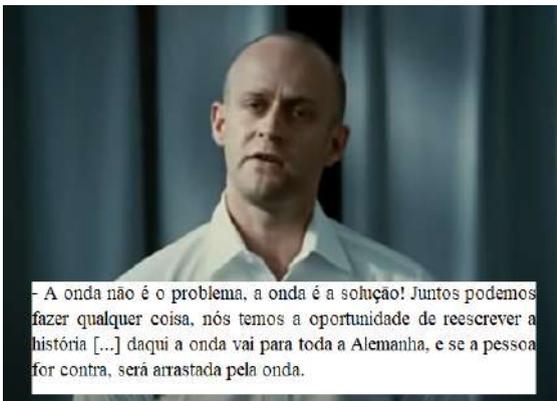
Nota-se que os alunos realmente se sentem acolhidos e compactuam com as ideologias pregadas pelo grupo, no entanto fecham os olhos para a real situação que os cercam, as ideologias de violência, opressão e terror que são emanadas pelo grupo durante todas as suas relações sociais após aderirem ao sistema autocrático, passam despercebidas diante de seus próprios olhos. Assim, para instigar ainda mais o pensamento sobre o que o regime totalitário aprova, o professor realiza um discurso com os ideais da ideologia vivenciada por eles durante aquela semana.



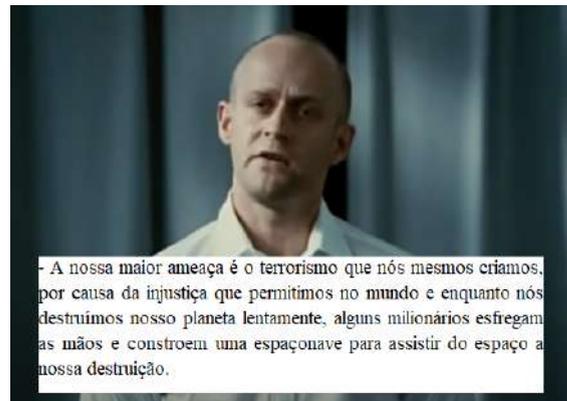
Plano 73



Plano 72



Plano 75



Plano 76

Ao proferir esse discurso, faz com que os alunos acreditem que a onda realmente é o bem da sociedade, que eles defendem o certo, que pregam amor e igualdade, que vencem as injustiças e o mal do capitalismo e seus políticos corruptos, a onda seria a solução para os problemas da sociedade e aqueles que não concordarem seriam massacrados, injustiçados, anulados de suas vontades.

É assim que o discurso, enquanto uma lógica da dominação nas organizações, é expressão de uma racionalidade, da razão instrumental, pois a razão se mostra aqui "uma faculdade voltada para a dominação da natureza e, através dela, para a dominação sobre os homens, um movimento ambivalente que pressupõe o sacrifício e a renúncia à felicidade" . É nesse sentido que veremos aqui o conceito de razão instrumental, aquela razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica, e que é uma razão repressiva, mesquinha. De acordo com Mannheim,¹⁸ podemos tomar por racionalmente funcional todo e qualquer ato, conduta, acontecimento ou objeto, na medida em que seja reconhecido como apenas um meio de atingir determinada meta. (FREDDO, 1994, p. 28)

Neste trecho, nota-se também a força das palavras do professor, que como explica Freddo (1994) expressa racionalidade e veracidade em seus argumentos, essa confiança em suas falas

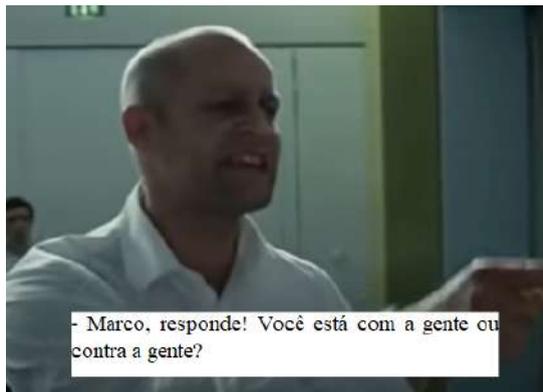
levam os alunos ao delírio, os fazem crer que estão certos e donos da razão. Neste discurso é possível também notar as divergências de partidos autoritários, eles buscam algo que não os representam, que não faz parte de suas rotinas, buscam por igualdade, mas oprimem aqueles que não os seguem, como acontece a seguir com o aluno Marco, que não compactua mais com as ideologias apresentadas.



Plano 77



Plano 78



Plano 79



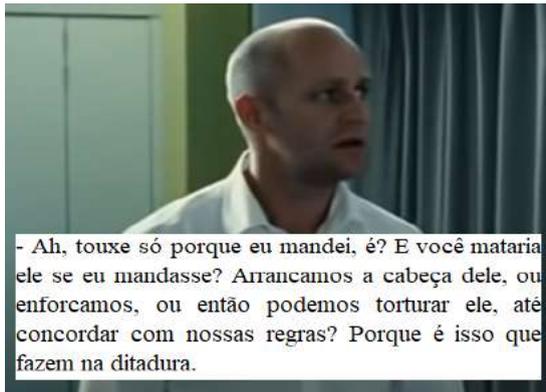
Plano 80



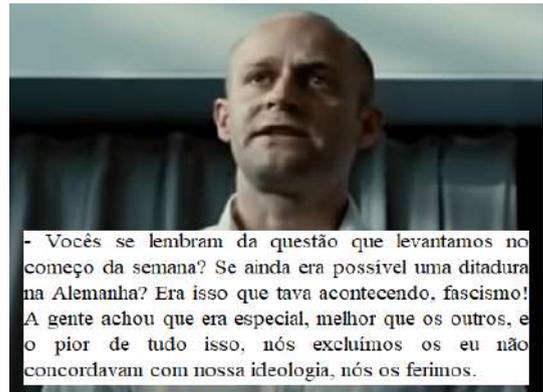
Plano 81



Plano 82



Plano 83



Plano 84

Como demonstrado nos planos, essas são as atitudes de um grupo totalitarista, atacam aqueles que não seguem suas ideologias, os fazem oprimidos e os desumanizam, como cita Freire (1987). No entanto, o objetivo do professor não era atacar um aluno ou incentivar o progresso da onda, seu objetivo era mostrar exatamente qual discurso e atitudes estavam sendo proferidas nas ruas por eles.

Eis por que afirmamos que o discurso, enquanto ação estratégica, tem características de violência, terminando por se referir à esfera política da organização, perceptível pelo sujeito. A esfera política reflete as sanções, os castigos, a punição, a admoestação, que devem estar sempre visíveis, pois são tais elementos que devem tornar invisível a esfera cultural, que reflete as crenças, as tradições, os valores padronizados etc. É por isso que podemos dizer, ainda, que o processo educativo na organização é, acima de tudo, conduzido de modo a que o aprendizado seja um aprendizado da obediência. (FREDDO, 1994, p. 31 e 32)

Ao partir dessa premissa, o líder agirá de forma singela e persuasiva para induzir outros indivíduos, visto que, para que seu domínio ganhe credibilidade é necessário adeptos que bebam de suas verdades e as proclamem em sociedade de forma racional, tentativa que faz o líder buscar por alienados e não apenas por submetidos e iludidos, “assim, poderíamos dizer que o discurso nada mais é que o exercício da influência sobre o comportamento individual e coletivo na organização.” (FREDDO, 1994, p.26). Por conseguinte, para toda ação há uma reação, um aluno não aceitou o fim do grupo a onda.



Plano 85



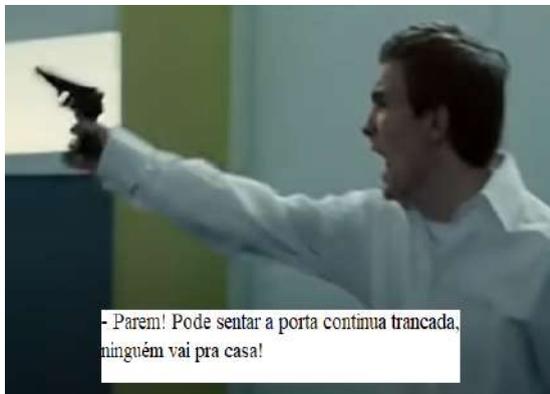
Plano 86



Plano 87



Plano 88



Plano 89



Plano 90



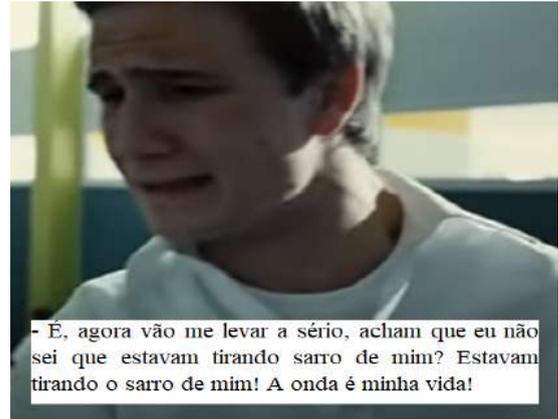
Plano 91



Plano 92



Plano 93



Plano 94



Plano 95

Nos planos mencionados é notável o desespero do aluno Tim diante do fim daquele grupo que lhe acolheu, para o garoto esse fim seria a volta para a realidade, é voltar a ser excluído por seus colegas, é não ter o apreço de seus pais, é não ser respeitado, voltar a solidão em que sempre viveu. Ademais, esses sentimentos surgem a partir do momento que apenas o seu bem é posto em perigo, deixando de lado o funcionamento da sociedade como um todo, visto que “ordenar essas decisões isoladas em um contexto de vida geral dos seres humanos e esforçar-se por esclarecer ao indivíduo como é indispensável para sua própria existência avaliar as decisões segundo os interesses coletivos da sociedade” (LUKÁCS, 2010, p. 142 *apud* PENELLUC e MORADILLO, 2020, p. 308).

Nesse viés, Penelluc e Moradillo (2020) explicam que a ideologia passa a ser notada como um dinamismo de internalizações sociais vividas por um ou mais sujeitos, no entanto, algumas determinações reais em seu processo de entendimento emitem equívocos sobre a verdadeira realidade e os traços ideológicos. Visto que, o conceito de ideologia não pode se vincular a uma mera ilusão ou a equívocos, esta por sua vez, é uma prática social que deve apresentar discursos racionais para que haja penetração na sociedade e por fim sua

proliferação. Por fim, as práticas ideológicas só podem ser consideradas verdadeiramente ideológicas a partir do momento em que sua ideia é penetrada na sociedade.

As balas não eram de festins, como o próprio Tim havia avisado no conflito com o grupo rival (PLANO 41), além de atirar em seu colega, Tim ainda tirou sua própria vida disparando contra si em frente a todos os alunos que estavam no auditório. O professor Wenger estava deslumbrado com o poder que lhe foi adquirido e não percebeu o quão longe havia ido sua dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado na introdução, o interesse desta pesquisa está centrado em compreender a importância de estudos interdisciplinares nas escolas por meio do uso de obras cinematográficas, como *A onda* (2008), obras que levam ao aluno um olhar reflexivo sobre o ambiente em que vive e as ações que estão a sua volta. Esta por sua vez, dialoga com a realidade vivenciada por muitos alunos dentro e fora das escolas, que ao juntar-se com as questões sociais e ideológicas abordadas, consegue agir como transformador nas questões da criação da moral e caráter do adolescente, visto que se trata de um ser ainda em processo de construção.

Diante das análises de planos do referido filme, torna-se nítido quais tipos de discursos e atrativos sociais ligados ao poder levam à alienação de um povo, assim como quais ideologias agem de forma ativa como contribuintes para a ascensão de um novo regime totalitário, como o que foi instaurado na Alemanha por Adolf Hitler e seu partido Nazifascista que é citado no corpus da pesquisa e a representação do mesmo em uma sociedade atual por meio do filme, valendo-se lembrar que o mesmo foi baseado em uma história real.

Portanto, com base nas observações das cenas e as teorias abordadas por filósofos, sociólogos e estudiosos da área, é possível concluir que é necessário construir uma nova forma de ensino transformadora, a qual cativa e ensina o aluno de forma leve e necessária, tornando os elementos audiovisuais ótimas opções para este processo. Assim como, faz-se necessário a adaptação das escolas para receber tais conteúdos, tanto na base estrutural como a disponibilidade de materiais, sendo necessário dar enfoque na desigualdade social que assola a sociedade, quanto na formação e capacitação necessária para professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **DA VIOLÊNCIA**. Sabotagem, 2004.

BACHEGA, Leandro. **A ALIENAÇÃO DO HOMEM SOB O GOVERNO TOTALITÁRIO NAZISTA EM HANNAH ARENDT**. Faculdade de São Bento, São Paulo, 2012.

CASTRO, Audrey Gonçalves de. **Bem vindo a ideologia do medo**. Estud. psicanal. no.50 Belo Horizonte jul./dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200005.

Acesso em 11 de abril de 2022

CHALITA, Gabriel. **O PODER**. 2. ed. rev. - ed. Saraiva, São Paulo, 1999.

CUNHA, João Batista Chaves da. **A Construção do Campo Cinematográfico: O Nascimento de um Meio de Comunicação Social**. Univ. Federal do Pará, Belém - Pará, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-2662-1.pdf>. Acesso em: 10 de Abr. 2022.

FIBE, Cristina. "**Nunca faria isso de novo, coloquei os alunos em perigo**". Revista Folha de São Paulo, 2009. Acesso em 02 de fevereiro de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1508200907.htm>

FREDDO, A. C. (1994). **O discurso da alienação nas organizações**. *Revista De Administração Pública*, 28(1), 24 a 33. Acessado em 22 de outubro de 2022. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8502>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25º ed. São Paulo, ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. São Paulo, ed. Paz e Terra, 1987.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Ed. Universo Produção, 2015. Disponível em: http://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WE_B.pdf. Acesso em 26 de Abr. de 2022.

- FOUCAULT, Michel. **A ORDEM DO DISCURSO**. Ed. Loyola, 3ª edição, São Paulo, 1996.
- HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza. **Cinema e Educação: Diálogo Possível**. Caderno Pedagógico – Universidade Estadual de Ponta Grossa, pg: 50 - 60. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>. Acesso em: 21 de Abr. 2022.
- LUZ. Mc A. **A onda**. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCrWBwJ2UQEUFOKYBJp0VEng>.
- MACHADO, Pamela de Bortoli. Filmeducação: um cinema possível na escola. **Tese de Doutorado** – Apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas: Contemporânea. Campinas, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://1library.org/document/y8k9140y-filmeducacao-cinema-possivelescolacontemporanea-filmeducation-possible-contemporary.html>. Acesso em: 06 Abril. 2022.
- MAYO e CRAIGIE, Joathan e Emma. **O ÚLTIMO MINUTO DE HITLER: MINUTO A MINUTO**. Ed. Vestígio, 2016.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. Ed. Contexto, São Paulo, 2003.
- PENELUC, MORADILLO; Magno da Conceição, Edilson Fortuna de. **EDUCAÇÃO, IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO**. Revista de Educação, Niterói, ano 7, n. 12, 2020. Pg 297 – 323.
- PIMENTEL, Lucila Silveira Leite. **Educação e diálogo: dialogando para a formação de poetas**. Ed. Cortez. São Paulo, 2011.
- PISANI, Marília Mello. **A linguagem cinematográfica de planos e movimentos**. Material do curso de Produção de Vídeo do programa Universidade Aberta do Brasil, Piauí, 2013. Disponível em: <http://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/A-Linguagem-cinematografica-de-planos-e-movimentos-.pdf>. Acesso em: 25 Abr. 2022.
- PRADO, Julio Cesar Gomes do. **IDEOLOGIA DO HOLOCAUSTO**. Revista Maiêutica - Indaial, 2017. Acesso em 02 de fevereiro de 2022. Disponível em http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/FST_EaD/article/view/1661/775

FILMOGRAFIA

LUZ. Mc A. A **onda**. YouTube, 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UCrWBwJ2UQEUFOKYBJp0VEng> .